

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de apresentação dos novos Oficiais-Generais**

Palácio do Planalto, 03 de abril de 2007

Senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Senhor Waldir Pires, ministro da Defesa,
General-de-Exército Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de
Segurança Institucional,
Almirante-de-Esquadra Júlio Soares de Moura Neto, comandante da
Marinha,
General-de-Exército Enzo Martins Peri, comandante do Exército,
Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,
Senador Marcelo Crivella, aqui presente,
Senhores oficiais-generais e familiares,
Senhoras e senhores integrantes das Forças Armadas,
Jornalistas,
Meus amigos e minhas amigas,

Estar presente nesta cerimônia formal de apresentação e de cumprimentos aos novos oficiais-generais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica me faz refletir profundamente sobre as minhas responsabilidades como Comandante Supremo das Forças Armadas. São responsabilidades que assumi com muita honra, alegria e tranqüilidade, graças ao apoio incondicional que tenho recebido em todos os momentos da minha vida na Presidência.

Faço questão de reconhecer publicamente o profissionalismo, a lealdade, o espírito público, a competência e a abnegação de todos os nossos oficiais-generais. Sei muito bem da emoção que, nesta ocasião, domina a todos os senhores e a seus familiares, mas sei também dos sacrifícios e das renúncias que fizeram parte dessa caminhada até este momento de alegria e de reconhecimento profissional. Estejam certos de que as responsabilidades futuras ainda irão exigir muito, mas muito mesmo, de todos os senhores.

Sinto-me orgulhoso de estar participando do patriótico e diuturno esforço

das nossas três Forças Singulares para que as missões constitucionais sejam sempre cumpridas.

Esta é a primeira promoção de oficiais-generais das Forças Armadas que assino neste meu segundo mandato como Presidente da República. Acredito ser oportuno reforçar meu compromisso público com o senhor Ministro da Defesa, com os senhores Comandantes e com todos os senhores oficiais-generais aqui presentes, de que não medirei esforços para continuar buscando os recursos e as condições necessárias para fazer avançar o reaparelhamento das três Forças.

Já demos passos significativos, mas ainda temos longos e difíceis caminhos a percorrer no mar, na terra e no ar. Precisamos implementar, e não deixaremos de fazê-lo, um plano sério e objetivo de desenvolvimento de nossa indústria de material de defesa. Sem isso, ficará muito difícil alcançar a modernização que todos desejamos.

As fronteiras terrestres, as águas jurisdicionais e o espaço aéreo de um País com as dimensões deste nosso querido Brasil demandam Forças Armadas muito bem equipadas e adestradas para a defesa dos interesses nacionais, a garantia da nossa soberania e de nossa integridade territorial. Posso lhes garantir que nosso governo está empenhado firmemente em atingir esses objetivos, dentro dos parâmetros mais adequados e convenientes para o País.

Tenho de registrar os elogios recebidos da ONU pela seriedade, competência, profissionalismo, dedicação e espírito de solidariedade com que as tropas brasileiras operam no Haiti. O reconhecimento internacional para o valor das tropas brasileiras já é unanimidade. Onde quer que atuem, deixam a marca peculiar do soldado-cidadão brasileiro.

Senhores oficiais-generais promovidos,

Quero lhes dizer da minha satisfação em tê-los recebido aqui no Palácio do Planalto. Quero reiterar os meus cumprimentos pela merecida promoção e, também, pedir que continuem presentes em todo o território nacional, dando demonstrações firmes de cidadania, de fé e de muita confiança nos destinos do nosso País.

Quero desejar a todos vocês que foram promovidos hoje, às suas senhoras e aos seus familiares, toda a sorte do mundo. Eu sei que o que vocês

fizeram para chegar até onde chegaram foi uma dedicação de vida, eu diria, em muitos casos, uma verdadeira profissão de fé. Poder-se-ia pensar que, ao chegar a general, as coisas iriam ficar mais fáceis. Pelo contrário, as responsabilidades dos senhores aumentam, certamente as tarefas serão mais árduas. E, certamente, o Brasil continuará ganhando com a dedicação e o compromisso de vocês. Como presidente da República, mas também como cidadão brasileiro, eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo. Que vocês possam se realizar plenamente na vida profissional, mas que possam, sobretudo, garantir que as nossas Forças Armadas continuem sendo exemplo de orgulho para o nosso País.

Muito obrigado e boa sorte!

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da VIII Feira Internacional de Autopeças, Equipamentos e Serviços (Automec)

São Paulo-SP, 09 de abril de 2007

O problema de ter um ministro maior do que o presidente é ter que ficar manuseando o microfone aqui.

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro senador Eduardo Suplicy,

Meu caro senador Romeu Tuma,

Meu caro José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado Feiras de Negócios,

Senhor Evaristo Nascimento, diretor da Automec,

Meus caros presidentes das entidades apoiadoras da Automec: Paulo Roberto Butori, do Sindipeças; Geraldo Luiz Santo Mauro, da Abrive; Frederico dos Ramos, da Andap; Mário Penhaveres Baptista, do Sicap; Luciano Figliolia, do Sincopeças; Antônio Carlos Fiola da Silva, do Sindirepa,

Senhores e senhoras dirigentes das entidades vinculadas ao setor de autopeças,

Empresários,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Expositores e visitantes da 8ª Feira Internacional de Autopeças e Equipamentos.

Quero cumprimentar os representantes do Uruguai e da Argentina que estão aqui, felizes pelo fato de termos feito, no ano passado e este ano, o acordo com a Argentina e o acordo com o Uruguai, e certamente iremos trabalhar para que outros acordos no setor possam acontecer.

Depois de ouvir cinco discursos eu penso que nós deveríamos ter uma palavra de reconhecimento e de incentivo ao setor de autopeças. Eu comecei a minha vida de metalúrgico trabalhando numa autopeça, eu fiz muitas passeatas

no começo da década de 90 contra a privatização. Quero aproveitar e chamar o prefeito Kassab aqui, por favor – já viro logo mestre de cerimônias. Eu fiz muitas passeatas e muitos protestos contra o que nós chamávamos “degradação da indústria de autopeças” no começo da década de 90, quando se começou a quebrar muitas empresas e importar muitos produtos.

E é com muita alegria que eu venho na 8ª Feira e constato que nós vivemos uma situação, se não uma situação privilegiada, com que todos nós sonhamos, vivemos uma situação como em poucos momentos vivemos, na história do País. Eu dizia ao Miguel Jorge, agora, que eu acabei de receber uma informação de que o risco-Brasil chegou a 155 pontos. Leio no jornal que a indústria automobilística produz carros como nunca produziu, e poderemos chegar a 2 milhões e 700 mil, 2 milhões e 800 mil carros no ano de 2007.

Mas muito mais importante é que, pela primeira vez, há uma combinação, há uma sintonia entre o crescimento do mercado externo e o crescimento do mercado interno. Quem é empresário aqui e quem há muito tempo participa desse setor sabe que este sempre foi um drama do Brasil: combinar crescimento das exportações com crescimento do mercado interno. Havia quem dissesse que isso era impossível ou havia quem dissesse que nós só deveríamos exportar os excedentes.

Ora, na medida em que a indústria automobilística, que há muitas e muitas décadas é o carro-chefe da economia brasileira, na medida em que ela começa a se modernizar e começa a entender que carro não é apenas um luxo para atender a um setor médio da sociedade, mas que também é um meio de transporte que pode fazer com que pessoas de mais baixo poder aquisitivo possam comprar um carro, o que está acontecendo neste momento? O que está acontecendo é que o consumidor brasileiro não está apenas preocupado com o custo final do produto que vai comprar, ele está preocupado é se a mensalidade que vai pagar cabe dentro do seu contracheque, cabe dentro do seu holerite.

Portanto, quanto mais facilidade nós tivermos para que o comprador brasileiro possa comprar um carro, mais ele vai comprar carro e mais a indústria automobilística brasileira vai produzir, porque o carro ainda continua sendo uma paixão nacional. Quem já tem um carro está sempre querendo trocar por um carro novo, quem não tem um carro, está sempre querendo

comprar um mais simples ou comprar um mais moderno de segunda mão. Esse é um sonho na cabeça do cidadão brasileiro, do ser humano. E hoje a indústria automobilística oferece uma multiplicidade de carros, é uma quantidade enorme de alternativas de produtos que a gente pode se dar ao luxo de escolher, coisa que a gente não podia fazer há um tempo atrás. Na minha geração de adolescente, nós não podíamos fazer isso, nós tínhamos dois ou três carros para comprar e olha lá.

Hoje o Brasil tem produtos de qualidade para vender ao mundo. Eu nunca consegui entender por que em países vizinhos nossos, que podem ter uma relação de irmãos com um país como o Brasil, que têm fronteiras com 10 dos países, as pessoas utilizavam carros vindo de outros países e não carros produzidos na Argentina, no Brasil ou no Uruguai. Por quê? Porque muitas vezes o Brasil agiu como se fosse um país subordinado às grandes economias e não agia enquanto país que se preocupava em estabelecer a política da similaridade entre os países vizinhos que, no fundo, no fundo, é onde pode ter as trocas mais sadias, é entre os países que compõem as nossas fronteiras.

Se o Brasil tiver impressão de que não basta crescer sozinho, de que é importante crescer, mas é importante que, em volta do Brasil, tenha uma quantidade de países com crescimento que também permita ao seu povo virar consumidor, todos têm a ganhar. E eu penso que é essa mentalidade que permeia a ação do governo, sobretudo representado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Vocês sabem que quem quer vender um produto não fica em casa esperando, não fica sentado no sofá vendo novela, achando que vai passar perto da sua janela um comprador que vai bater palmas e vai pedir o seu produto. Quem quer vender, vai para a rua. Quem quer vender, vai competir. Quem quer vender, vai mostrar. E o Brasil era muito acanhado. O Brasil parece que tinha vergonha de assumir o papel que lhe é devido na história. E a indústria automobilística brasileira e a indústria de autopeças são exemplos de que quando nós temos disposição, as coisas acontecem, e acontecem para valer.

O Brasil que eu prevejo para os próximos 15 ou 20 anos é um Brasil sem retorno. É um Brasil que cada um pode vir aqui falar e cada um pode fazer mais uma reivindicação, porque é normal que seja assim numa sociedade

democrática. Mas todos nós precisamos começar a analisar este País do patamar que cada um de nós encontrou. E todos nós sabemos que o Brasil se encontra num momento em que nenhum de vocês, e nem eu, que durante 20 anos da minha vida negociei do outro lado, vivemos o momento que estamos vivendo agora. Não só porque tem uma combinação perfeita na economia brasileira, e ainda temos que fazer determinados ajustes, aqui todos nós concordamos que é preciso reduzir os tributos no Brasil, aqui todos nós concordamos que é preciso reduzir a taxa de juros, sem perder de vista que nós não podemos permitir que a inflação volte, porque eu já vivi negociando com os empresários inflação de 84% ao mês. O que a gente obtia de aumento de salário não dava para a gente pagar as prestações do mês seguinte. E hoje nós, todos nós, conseguimos uma harmonia, se não perfeita ainda, a melhor que eu vejo no Brasil desde que me conheço por gente: a economia cresce, as perspectivas são extraordinárias, as empresas crescem. E eu dizia outro dia, numa reunião com o meu Ministro da Fazenda e com o meu Presidente do Banco Central que, muitas vezes, na teoria econômica, as pessoas deixam de analisar a coisa prática.

Nenhum empresário vai investir porque o Presidente pediu para investir ou porque o Ministro da Fazenda pediu para investir. O empresário vai investir quando ele percebe, durante alguns meses, que o produto que ele fabrica está sendo procurado e tem uma demanda grande. O que ele faz, no primeiro momento? Ele não faz uma nova fábrica, ele começa a convocar umas horas extras. E eu dizia para o meu ministro Guido Mantega: eu, quando estava nas empresas, eu percebia, na sexta-feira à noite, quando passava o chefe da seção com uma prancheta perguntando: “Quem quer vir trabalhar amanhã?” Ali, eu já sabia que as coisas estavam mais ou menos bem, que a indústria estava produzindo mais. Na semana em que não passava, eu pensava: “Tem coisa azedando aqui na nossa economia”. Depois que durante seis ou sete meses tem hora extra, o que acontece? Se estiver consolidada a hora extra, o que o empresário faz? Ele vai abrir um novo turno, ele vai dizer: “Já comporta, está consolidado, eu vou construir mais um galpão e vou contratar mais uns trabalhadores”. Passado mais um tempo, se tudo isso der certo e continuar crescendo, ele pode falar: “Eu vou expandir a minha fábrica em outro lugar, eu vou construir uma nova planta, eu vou contratar”.

Esse é um processo prático da atividade que vocês têm. E nós sabemos o que já passou a indústria automobilística, nós sabemos o que passou a indústria de autopeças neste País, nós sabemos o que passou o carro a álcool neste País. E, hoje, nós estamos vendo o quê? Nós estamos vendo que o Brasil está se apresentando ao mundo como uma alternativa competitiva neste mundo globalizado, com produtos de qualidade, alguns produtos de engenharia nossa: o flex-fuel é engenharia nossa, a Bosh que o diga, é engenharia nossa, é invenção nossa. E se o mundo tiver juízo, vai utilizar flex-fuel na Alemanha, vai utilizar nos Estados Unidos, vai utilizar em todos os países, mesmo na Arábia Saudita eles vão ter que utilizar flex-fuel, porque eles vão poluir menos o Planeta e nós vamos fazer com que o Planeta não fique esquentando como está agora.

Então, meus companheiros, eu vim a esta Feira para dizer para vocês o seguinte: nós temos que acreditar que a situação do Brasil, hoje, é uma situação altamente privilegiada. Muitas vezes, o empresário brasileiro tem até preocupação em não acreditar muito no trabalhador brasileiro, mas eu já ouvi de tantas empresas multinacionais – eu vou dar o nome aqui – seja da Ford, seja da GM, seja da Mercedes, seja da Nestlé, seja de todas as empresas que vêm para cá, dizer o seguinte: “Olha, Presidente, eu tenho 80 fábricas no mundo, eu tenho 70 fábricas no mundo, eu tenho 60 fábricas em 60 países, mas nenhuma tem a capacidade produtiva que tem o trabalhador brasileiro e nenhuma tem a criatividade que tem o trabalhador brasileiro”.

Ora, se nós temos mercado interno, se nós temos possibilidade de mercado externo – e não é tentar vender produto para a matriz na Alemanha ou para a matriz nos Estados Unidos, não, é vender onde nós temos condições de competir com eles, não na terra deles, mas nos vizinhos deles – se nós temos, hoje, todas essas vantagens, nós precisamos acreditar que quem não fizer os investimentos agora, daqui a três anos, quando eu vier em outra Feira, vai estar lamentando que não fez o investimento no tempo certo.

Eu quero dizer para vocês que a inflação não volta neste País, não volta. Quero dizer para vocês que não há nervosismo político que me permita brincar com a economia brasileira, porque eu já fui vítima dela como trabalhador, já fui vítima como dirigente sindical, e sei que muitos presidentes foram vítimas dela enquanto presidentes da República. Quem paga o pato, normalmente, é o

ministro da Fazenda, é o presidente do Banco Central, porque é muito mais fácil tirar os ministros, sendo que a seriedade tem que ser do conjunto do governo.

Para vocês, o que interessa não é saber se eu sou amigo de vocês. Eu não quero saber se vocês são meus amigos, eu quero saber é que nós somos brasileiros, ou investidores estrangeiros no Brasil, e que quanto mais transparente a política pública for com vocês, mais nós temos condições de exigir transparência de vocês para com o governo e para com a sociedade brasileira. Este País sério está sendo construído e não é obra do presidente Lula, não é obra de um ministro, é obra de um conjunto de seres humanos que fazem parte do setor de trabalhadores, do setor produtivo, do governo, e nós chegamos a esse ponto. Vocês sabem o “pão que o diabo amassou” que nós comemos em 2003. Se nós não tivéssemos feito o ajuste em 2003, nós não teríamos chegado a 2007 nessas condições que chegamos.

Há quem queira que o Brasil não dê certo? Há. Porque política no Brasil é que nem torcida de time de futebol: a gente está sempre achando que o adversário tem que perder, o adversário não pode estar certo. Eu que sou corintiano posso dizer isso para vocês, de cátedra. Entretanto, há um momento na nossa vida de homem público em que as coisas menores precisam ser discutidas de forma secundária e a gente pensar na oportunidade que este País tem agora. Se muitas vezes nós não gostamos de valorizar o Brasil, pergunte para os nossos companheiros argentinos, uruguaios, colombianos, chilenos, equatorianos, peruanos, alemães, qual é a imagem que eles têm do Brasil? Porque muitas vezes nós gostamos de nos achar pequenos. Nós nunca pensamos com a dimensão de um país que tem potencial de ser uma grande economia, de um país que pode participar do núcleo do G-8, de um país que pode ter inserção na economia mundial.

É possível hoje alguém negociar no comércio mundial sem ouvir o G-20? É possível? A União Européia, os Estados Unidos pensarem em fazer acordos sem sentar com o G-20 na mesa, em igualdades de condições? É possível alguém discutir reforma nas Nações Unidas sem conversar com os países que compõem o G-20? Não é possível. Porque em 2003 eu disse ao Celso Amorim: nós temos que mudar a geografia comercial do mundo. E a gente não muda a geografia comercial do mundo pensando pequeno, achando que nós somos

vítimas. Ah, tudo que tem de ruim no Brasil é por causa dos americanos, é por causa da União Européia, é por causa disso. Não. O que tem de ruim neste País e o que tem de bom é por nossa causa. E nós precisamos acreditar que nós podemos cada vez mais.

Eu, de vez em quando, estava brincando com o Pinheiro Neto, aqui, eu dizia: é engraçado, de vez em quando eu me reunia com a indústria automobilística, às 9 horas da manhã, e eles iam lá falar para mim: “Presidente, está tudo acabado, porque o dólar não sei das quantas, porque o câmbio não sei das quantas, porque a gente não está vendendo, o mercado interno não está vendendo”. Aí eles saíam, eu virava as costas, e estava lá na minha telinha: “indústria automobilística bate novo recorde, indústria automobilística vende, exporta mais.” Eu sei que é assim. Cada vez que eu pergunto para um empresário, individualmente, como é que está a sua empresa? “Ah, Presidente, este ano crescemos 30%. Presidente, as vendas estão quase chegando a 28%. Presidente, a coisa está boa.” Chegam a dizer para mim: “está bombando na minha empresa,” individualmente as pessoas falam assim. Quando juntam 10 ou 12, aí falam que a empresa está bem, mas o governo precisa baixar os juros, o governo precisa fazer política tributária, como se vocês não tivessem responsabilidade pela política tributária que nós temos, porque os deputados que estão lá e senadores fazem parte do cotidiano nosso no dia da eleição.

Então, é importante, companheiros, que no Brasil, em algum momento, a gente não fique olhando quem é o presidente da República apenas, o senador ou o deputado. Em algum momento no Brasil nós vamos ter que pensar que estamos no mesmo barco. Se este País der certo, todo mundo ganha, se este País der errado, alguns vão ganhar e a maioria vai perder, como é historicamente sabido no Brasil.

Essa juventude que assusta vocês hoje, e que me assusta, e muito mais do que me assusta, me angustia, essas notícias que a gente vê na televisão, de jovens matando jovens, são subprodutos dos erros cometidos pelo Estado brasileiro. É só imaginar o que aconteceu neste País de 1980 até há pouco tempo atrás para a gente perceber que o crescimento da economia brasileira e a política de distribuição de renda não davam resposta e não davam esperanças de vida para essa juventude. Nós vamos continuar assim? Ou esse desafio é meu, como presidente? E de vocês? Porque amanhã eu deixo a

Presidência, mas vou continuar como brasileiro. Vocês continuarão como empresários, se Deus quiser com a empresa cada vez crescendo mais.

Mas nós precisamos, de um lado, cuidar dessa meninada que está nascendo hoje, mas nós temos um estoque acumulado, de jovens de 17 a 24 anos, que estão sem a palavra mágica do emprego ou do estudo. Responsabilidade de quem? A gente poderia culpar o presidente da República, qualquer que seja ele, poderia culpar o governador, qualquer que seja ele. Mas por que nós não assumimos a culpa coletivamente? E saber que todos nós, em algum momento, tivemos uma vírgula de parcela da situação chegar assim?

Eu me lembro, nas negociações da década de 80, quando comecei a negociar no movimento sindical, na época os representantes dos empresários, no final da década de 70, não conversavam com a gente, nem sentavam na mesa, nós éramos comunistas, era o advogado que sentava. E quando a gente conseguia repor uma parte da inflação que tinha perdido, a gente já comemorava como vitória.

As coisas foram evoluindo, os trabalhadores foram evoluindo, os dirigentes sindicais foram evoluindo, e os empresários também foram evoluindo, não houve evolução de uma única parte. E, hoje, meus caros representantes das entidades, é motivo de alegria quando eu pego a notícia e o Dieese diz o seguinte: “96% dos acordos feitos no Brasil, no ano de 2006, foram feitos até a inflação. E, desses, 86% foram acima da inflação com ganhos de aumento real para o trabalhador brasileiro”. Essa é a boa novidade: a empresa cresce, as vendas crescem mas, junto com esse crescimento, aqueles que serão os nossos consumidores irão crescer também.

É este País que nós poderemos aperfeiçoar. É este País que, quando entrar a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, agora, a partir de junho; é este País, quando o Congresso aprovar todas as medidas do PAC; é este País, que vai votar a reforma tributária, que nunca vai ser justa. Não pensem que eu acredito que vamos aprovar uma política tributária, que eu vou chegar num plenário como este e todo mundo vai concordar. Até porque se eu pegar 10 de vocês e levar no cafezinho, tem nove propostas de política tributária diferentes entre vocês. Mas é este País, que seja justo para o setor produtivo, seja justo para o setor que trabalha, e a gente garanta muito mais justiça ainda para o setor que consome, que vai fazer deste País uma grande Nação.

Eu não sei quantas vezes eu já vim às feiras do Anhembi. Eu já estou quase sócio do Anhembi, de tanta feira que eu venho aqui. E virei a todas que for convidado, viu, meus caros representantes da Alcântara? Virei a tantas quantas me convidarem, porque eu acho que isso aqui é uma espécie de apogeu de quem acreditou a vida inteira; de quem foi dormir muitas vezes achando que estava quebrado; de quem foi dormir, muitas vezes, com uma dívida de 10 e acordou com uma dívida de 50; que tinha que mandar trabalhador embora e, muitas vezes, o saldo de indenização do trabalhador... ficava mais barato deixar o trabalhador trabalhando do que mandar embora.

Então, é esse conjunto de situações que é coroado numa exposição como esta. Aqui, numa exposição como esta, eu estou vendo os stands, ou seja, cada um está expondo aquilo que conseguiu fazer de melhor. Por aqui passarão milhares de pessoas para ver. E esse é o momento do prazer, esse é o momento do orgulho de cada um vocês voltar para casa e dizer: “Puxa vida, nós somos parte deste País que está dando certo. Porque aquele País que não deu certo já não existe mais”. Um outro Brasil está aí, e um Brasil que não é governo, é um Brasil que é sociedade brasileira, ansiosa por não jogar fora o século XXI como nós jogamos o século XX.

Meus parabéns a todos vocês. E que vocês possam, no ano que vem, me convidar e, ao invés de 2 milhões e 800 mil carros, termos aqui uns 3 milhões e 400 mil e as autopeças irão crescer muito mais.

Parabéns e boa sorte.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da Marcha em Defesa dos Municípios

Brasília-DF, 10 de abril de 2007

Meu caro presidente do Senado Federal, Renan Calheiros,
Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia,
Senadora Ideli Salvati, senadora Rosalva Ciarline,
Senadores Valdir Raupp, Efraim Morais, João Ribeiro, Leomar Quintanilha, José Maranhão e Neuto de Conto,
Meus companheiros ministros e ministras de Estado,
Meu caro Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação,
Meu caro João Paulo Lima, presidente da Frente Nacional de Prefeitos,
Meus companheiros deputados federais, deputados estaduais,
Vereadores,
Secretários municipais,
Meus amigos da imprensa,
Companheiros das instituições do governo federal que mantêm tão estreita relação com os municípios brasileiros,
Meus amigos e minhas amigas da imprensa,

Uma parte do meu discurso, eu, na verdade, já o fiz nos outros anos em que estive com vocês. Mas acho que é sempre importante vocês, que são prefeitos, ou que terminam o mandato agora em 2008, ou os que vão ser candidatos à reeleição, certamente repetirão em alguma praça pública do País os discursos que vocês fizeram nas eleições passadas.

Portanto, se aqui for dita alguma coisa que eu já disse, é um defeito político, na verdade, um defeito genético do político brasileiro mas que, segundo os comunicadores, é sempre importante a gente repetir uma mesma coisa muitas vezes, até que essa coisa se torne quase que uma verdade absoluta para todos nós.

Cada vez que eu venho numa marcha com os prefeitos, e quero dizer

isso ao João Paulo e ao Paulo, eu venho consciente de que aqui receberei os agradecimentos pelo que fizemos no ano anterior e, ao mesmo tempo, receberei uma pauta de reivindicações para o período posterior. E não poderia ser diferente, até porque eu aprendi na minha vida, esses anos todos militando no movimento social e movimento sindical, que cada conquista que a gente tem, por menor que ela seja, é um estímulo para a gente fazer uma outra reivindicação. Ela não é um estímulo para a gente parar e eu não espero que vocês parem de fazer reivindicações, porque no dia em que vocês pararem de fazer reivindicação, seja ao governo estadual, seja ao governo federal, o povo da cidade de vocês não irá mais eleger vocês. É importante ter claro isso.

Vocês foram eleitos sobretudo para administrar corretamente a cidade de vocês, mas para fazer com que haja uma cumplicidade na relação federativa, e que cada um dos entes federativos cumpra com o seu papel para que nenhum fique sobrecarregado demais e para que nenhum leve vantagem demais. É essa a lógica da nossa existência. É com essa lógica que vocês foram candidatos a prefeito, é com essa lógica que vocês vão pleitear reeleição, é com essa lógica que alguns que eu estou vendo aqui já conquistaram a reeleição, e no próximo ano não poderão mais se candidatar.

Agora, o que deve predominar entre nós é uma relação muito verdadeira, porque um dia cada um de vocês poderá ser presidente da República ou governador de estado. E eu, na certeza, quando terminar o meu mandato de presidente, voltarei a ser um munícipe da minha cidade, de São Bernardo do Campo, para viver os mesmos problemas que vive qualquer pessoa que more em qualquer cidade. E aí, quando eu estiver lá, a minha principal vítima será o prefeito, porque aí o prefeito ficará culpado. Eu não quero saber se o buraco da rua é da empresa estadual, eu não quero saber se o buraco da rua é da empresa federal, eu quero saber é que o prefeito está mais próximo de mim, portanto, ele pode me ouvir e aí o clamor será direcionado ao prefeito.

Se aqui no meu lugar tivesse um governador de estado, certamente o Paulo e o João Paulo teriam feito um discurso muito mais eloquente, cobrando muito mais dos governadores do que de mim, porque eles sabem que, embora não tenhamos feito tudo, há muitos anos não tinha um presidente que fizesse metade do que nós estamos fazendo na relação com os prefeitos do Brasil.

Quisera Deus que, nos cinco anos que antecederam o meu primeiro mandato, o presidente da República tivesse tratado os prefeitos como nós tratamos, a gente teria evoluído, possivelmente, o dobro do que já evoluímos.

Quero dizer para vocês que não tem reivindicação difícil, não existe, na minha vida política não existe reivindicação difícil ou reivindicação impossível, o que existe é que muitas reivindicações precisam de um tempo de maturação para serem compartilhadas entre as pessoas que têm que decidir. E decididas para que não causem prejuízos a ninguém e causem benefícios ao autor da própria reivindicação.

Eu estou dizendo isso porque no ano passado eu vim aqui e falei para vocês que a Caixa Econômica iria abrir, nas suas superintendências regionais, uma sala para atender os prefeitos. Sabedor de que muitas vezes o problema de muitas obras prioritárias nas nossas cidades não é por falta de dinheiro, muitas vezes é por falta de projeto, e agora essa constatação está óbvia com a decisão de fazermos o PAC. São bilhões de reais que estarão disponibilizados para que a gente possa resolver um problema crônico de urbanização de favela, de saneamento básico, de acabar com as palafitas, e agora que nós estamos fazendo conversas, começando das piores para as menos piores, é que nós percebemos que somos vítimas de um mundo inusitado. O prefeito não fazia projeto porque não tinha dinheiro, e o governo federal e o estadual, certamente, não davam dinheiro porque não tinha projeto. É sempre a pergunta: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Por isso é que nós disponibilizamos o PAC. Um bilhão de reais para fazer projetos executivos. E é por isso que a Caixa Econômica e outras instituições do governo federal vão ter que se preparar, sobretudo, para ajudar aqueles municípios menores, que muitas vezes têm dificuldades para fazer o seu pequeno projeto para a sua pequena obra na cidade.

Mas a verdade, é verdade uma coisa dita, aqui, pelo representante dos prefeitos, que às vezes a gente toma uma decisão, passam anos e ela não acontece. Mas isso não acontece só com o presidente da República, não. Vocês vão terminar o mandato no ano que vem e, certamente, coisas que vocês decidiram no primeiro ano ainda não aconteceram, e muitas não vão acontecer, porque hoje, graças ao que fizemos no Congresso Nacional, este

País tem um poder de fiscalização infinitamente maior que o poder que ele tem de realização.

Ah, se no Brasil tivesse a mesma quantidade de gente para fazer do que tem para desfazer! Ah, se a gente tivesse a mesma disposição... e isso talvez seja um bem para a nossa civilização, a quantidade de fiscais que vocês recebem todo dia, o papel de um promotor público na cidade de vocês, às vezes colocando o dedo na cara do prefeito e dizendo que vai ou que vai prender o secretário. Mas isso não vale a pena para vocês não, isso vale para um funcionário da Caixa Econômica Federal, do BNDES, do Banco do Brasil ou do Ibama que, quando tem que dar uma licença ou autorizar um projeto, ele sabe que se for instado por alguém do Ministério Público, e tiver cometido uma irregularidade, antes de provar, os bens dele são colocados em disponibilidade e aí ele fica com medo de fazer. É o mesmo Estado que dá com uma mão e tira com a outra, diz que pode fazer, mas cria dificuldade para fazer. E vocês acompanham isso como ninguém acompanha.

Por isso, meus queridos prefeitos e prefeitas, eu queria fazer essa introdução para dizer que nós, aqui, estamos entre companheiros. Em alguns momentos somos adversários políticos, em outros momentos somos responsáveis pelas nossas cidades, pelos nossos estados e pelo nosso País. E quando terminam as eleições, um político sério, competente, ele começa a deixar de lado o que foi o debate do processo eleitoral para assumir o debate maior, que é na realidade aquilo que foi a aspiração dele de chegar a ser prefeito, governador ou presidente da República. Uma parte de vocês está no final de cumprir, porque já fez o segundo mandato, outra parte está cumprindo e vai tentar sua reeleição, e eu estou cumprindo meu segundo mandato.

Portanto, a partir do momento em que se abrem as urnas e que nós somos eleitos, não tem PFL, não tem PMDB ou PT, não tem PR ou PRTB, não tem PSB ou PCdoB, não tem PSDB. A partir desse momento, nós somos prefeitos e temos o compromisso de tratar, com a melhor qualidade possível, aqueles que num belo dia do ano acreditaram que o nosso nome poderia resolver problemas que eles vivem há décadas e há séculos.

Foi por isso que nós lançamos o PAC, eu posso dizer para vocês que o PAC é o mais perfeito projeto de desenvolvimento já feito nesta República, desde que ela foi proclamada, porque ele tem começo, meio e fim para cada

obra. E não será cada obra, cada ministro que vai fazer a obrinha de acordo com a pressão do deputado tal, do partido, do senador tal, do prefeito tal ou a vontade pessoal do ministro ou do presidente da República, não. O PAC tem um conselho gestor e nesse conselho gestor a gente vai fiscalizar se as obras que são determinadas como prioritárias para o País, levando em conta as necessidades regionais e levando em conta as necessidades da integração deste País, podem ser cumpridas ou não. Não é mais uma pessoa que decide, é um conjunto de pessoas. E vocês vão poder participar, porque muitas das coisas que nós estamos fazendo estão realmente direcionadas para as prefeituras deste País.

Eu não vou aqui, João Paulo, Paulo e companheiros, ater-me às coisas que já foram conquistas, porque eu, quando era presidente do Sindicato lá em São Bernardo do Campo, e modéstia à parte eu fui um bom dirigente sindical, eu, três meses depois que ganhava aumento de salário, já estava achando pouco, porque aumento de salário só vale no primeiro mês, no segundo mês a gente já quer mais. Por isso, Ideli, é que você fazia tanta greve quando era professora.

Mas veja, eu vou repetir algumas coisas só para que a gente saia daqui com a memória bastante lúcida.

Eu falei de salário. Queria lembrar a vocês que nunca, em nenhum momento da história do País, a totalidade dos trabalhadores teve pelo menos a inflação como reajuste. E 86% dos trabalhadores brasileiros tiveram reajuste maior do que a inflação, ou seja, ganho real de salário. Eu sei que muitas vezes quando a gente aumenta o salário mínimo para 400 reais, para 380 reais e logo, logo, vai para 400 e não sei quantos, eu sei que tem muito prefeito que fala: "Puxa, mas eu não posso pagar." É verdade que o prefeito, às vezes, tem dificuldade de pagar, mas muito mais dificuldade do que o prefeito de pagar, tem o cidadão de sobreviver ganhando um salário que não lhe permita comer a cesta básica. Só tem um jeito para resolver tudo isso, é a economia do País crescer. E é exatamente o que está acontecendo neste momento. O que eu tenho desafiado, não apenas os economistas amigos, mas os economistas adversários para mostrarem em que momento da história deste País nós tivemos uma combinação tão perfeita, ainda longe do ideal, mas de combinar crescimento externo com aumento das exportações, de combinar queda dos

juros com controle da inflação.

Quem é nordestino aqui sabe o que significa o aumento de 38% de consumo da população mais pobre deste País. Quem é nordestino aqui sabe o que significa o programa Luz para Todos. É como se nós tirássemos uma pessoa do século XVIII e a levássemos para o século XXI, com o governo federal bancando, na maioria dos casos, 100%. Cada ligação daquela custa, em média, cinco mil reais, e é feita de graça. E nem sempre os governadores podem dar a contrapartida, que às vezes é de 20%. Não tem problema, nós não vamos deixar uma pessoa sem luz e vamos chegar a atender os 10 milhões que nós nos comprometemos até 2008.

Depois nós vamos descobrir uma coisa simples de descobrir, que as estatísticas estavam erradas e que tem muito mais gente sem luz do que os primeiros números com que nós trabalhamos, e todo mundo sabe que isso significa um avanço extraordinário. Para atender esses 6 milhões de pessoas que nós já atendemos, sabe quanto de cabos nós já investimos neste País? Só de fios são 470 mil quilômetros de fios, são 2 milhões e 780 mil postes, são 380 mil transformadores, e por conta disso o aumento da venda de 430 mil televisores para as pessoas que receberam um bico de luz em casa.

Agora vamos fazer mais porque não tem eleição. Antes diziam: “está fazendo porque tem eleição”. Agora não tem eleição. Não vamos aumentar o Bolsa Família porque não tem eleição, vamos aumentar porque é necessário aumentar o Bolsa Família. Porque é necessário garantir que pelo menos uma vez na vida este País não veja investimento em pobre como gasto, não dê prioridade a determinadas economias que depois ficam muito mais caras do que a gente tem que gastar com saúde para cuidar da inanição das nossas crianças, da morte precoce de homens e mulheres.

Este País, meus companheiros prefeitos, está preparado como jamais estive na sua história, vai depender só de nós. Vai depender só de nós não errarmos o passo, e essas coisas foram acontecendo porque durante a minha vida eu determinei uma coisa na minha cabeça. Se todos ganharem pouco significa distribuição de renda, e se poucos ganharem muito, significa concentração de riqueza. Então, o que nós estamos fazendo, quando passamos um pouquinho a mais de dinheiro para os prefeitos, nem sempre é o que vocês precisam e por mais que a gente desse ainda não seria o suficiente,

o que nós estamos fazendo com isso é dando a vocês o direito de respirarem uma liberdade, de não ficarem subordinados a nenhum cacique político local, seja um deputado estadual, um federal, um senador, o presidente da República ou governador. E liberdade, meus filhos, não tem preço.

Quem foi prefeito aqui em outro governo sabe como era a coisa, era na base do chicote mesmo. Prefeito e pobre só eram ouvidos em época de eleição. Em época de eleição o prefeito tem base, tem alguma coisa ali, vamos atrás dele. Passou as eleições, o prefeito é problema, só quer saber de reivindicar. Era assim ou não era que vocês eram tratados?

Pois bem meus companheiros, vocês estão juntos comigo ajudando a mudar este País. Daqui a pouco tempo termina o nosso mandato, o meu e o de vocês. Não importa, o que importa é a qualidade do alicerce que nós montamos neste País para que os outros que venham sejam mais competentes do que nós, que façam mais do que nós e possam dar muito mais coisas para o povo do que nós demos.

É por isso, meus companheiros, que a reivindicação de 1% que vocês fizeram o tempo inteiro era justa, e nós ficamos o tempo inteiro discutindo se a gente poderia apenas ceder uma coisa sem que a gente pudesse aprovar a reforma tributária como um todo. Ontem o governo tomou uma decisão. A reforma tributária que estava prevista no Congresso Nacional, já não é mais a reforma tributária que nos interessa, Renan e Arlindo, vai ter um outro acordo para que a gente faça uma nova proposta, portanto, ontem foi dada ordem à base do governo para que vote separadamente ou encontre um jeito de votar os 1% para os municípios resolverem parte dos seus problemas.

Mas, companheiros, era importante que a gente atentasse para uma coisa que aconteceu nesses dias. O Paulo já disse alguns números aqui e eu vou tentar citar outros números, alguns, quem sabe, batendo com os números que foram citados aqui. A transferência do Fundo de Participação dos Municípios teve aumento substancial, passando de 18 bilhões e 500 milhões de reais, em 2002, para 29 bilhões e 500 milhões de reais, em 2006. Com as mudanças legais que permitiram a tributação dos serviços nos locais em que eles são realizados, os municípios obtiveram consideráveis ganhos com o ISS, e o Paulo já disse aqui os números.

A transferência do FNDE para os municípios saltou de cerca de 1 bilhão

e 500 milhões de reais, em 2004, para 2 bilhões e 200 milhões de reais, em 2006, com um crescimento de 41% nesses dois anos. Na área da saúde, as transferências passaram de 13 bilhões e 500 milhões de reais, em 2002, para 17 bilhões e 100 milhões de reais no ano passado, um crescimento de 27%. Já as transferências do Auxílio Financeiro de Fomento às Exportações saltaram nada menos do que 139% em dois anos, de 252 milhões e 400 mil reais, em 2004, para 604 milhões e 100 mil reais, em 2006.

É importante destacar aqui as transferências diretas ao cidadão. Eu fico sempre orgulhoso, porque conheço prefeito, aqui, de cidadezinha pequena, de 8 mil habitantes, 10 mil habitantes, que levantava às 4h da manhã com gente batendo na porta da casa dele para pedir dinheiro para comprar remédio ou para pedir uma passagem para ir para a capital. O Bolsa Família, dentre outras coisas, tirou muita gente da porta da casa dos prefeitos pedindo ajuda. E isso é importante para o prefeito mas, sobretudo, é importante para o cidadão que não tem que ficar dependendo de nada. Só no Bolsa Família são 7 bilhões e 500 milhões de reais de repasses a 11 milhões e 100 mil famílias. Graças à valorização do salário mínimo, outros 11 bilhões e 700 milhões de reais são repassados a idosos, portadores de deficiência e trabalhadores rurais em todo o município. Muito prefeito aqui também sabe que a cidade dele vive por conta desses benefícios, que é no dia que o povo recebe esses benefícios que a cidade tem comércio.

A coisa mais comum é a gente ir a uma cidade pequena hoje, do interior, e as pessoas falarem: “Puxa vida, Presidente, há uns seis, sete anos, a feira aqui acabava as 11h, Presidente. Começava as 9h e as 11h acabava. Hoje, Presidente, é 4h da tarde e a feira está funcionando ainda, porque as pessoas têm mais coisas para negociar.” Sabe o que significa isso? Houve um processo de distribuição de renda neste País. A massa salarial cresceu mais de 8%. No Nordeste, o crescimento do consumo e da renda se equipara a qualquer economia que mais cresce no mundo, com pequena coisa. Porque uma coisa que a gente aprende é que cuidar de pobre é muito mais barato do que cuidar de rico, cuidar de pobre é muito mais fácil. Cada pobre que conversa comigo pede, às vezes, 50 reais, 10 reais. Os negócios dos ricos são logo de bilhão para cima. E durante quantos anos os pobres foram esquecidos neste País? Durante quantos anos os pobres eram utilizados como se fossem uma coisa

secundária, utilizada de quatro em quatro anos? A coisa mais comum é, na época das eleições, a gente ir no bairro mais pobre. Vamos lá, quanto mais pobre, mais a gente vai. E a coisa mais difícil é voltar no bairro mais pobre depois de eleito.

Então, meus companheiros, nós queremos fazer mais, muito mais. Nós estamos pensando agora... a nossa querida presidente da Caixa Econômica, Maria Fernanda, veio aqui assinar um negócio que eu prometi no ano passado, depois já tinha feito em duas capitais, agora já veio assinar para nove, e eu espero que antes da próxima marcha, assine para os 27 estados para que a gente fique tranqüilo.

Agora, eu queria que vocês atentassem, um desafio que eu faço para vocês, a cada reunião em que a gente estiver junto, vocês anotem as coisas para cobrar depois, porque essa cobrança, primeiro, motiva a gente a saber que está sendo fiscalizado, e motiva a gente a fazer mais do que a gente fez, porque se eu encontrar com vocês e vocês forem meus amigos: "Lulinha daqui, Lulinha de lá, um abraço daqui, abraço de lá." Está tudo maravilhoso, está tudo bem, está extraordinário. E não está, eu sei que não está. Eu sei que a coisa não está bem nos municípios, a não ser nos municípios ricos. Mas quantos são ricos? Mesmo nos municípios mais ricos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, os problemas sociais são mais graves do que nos menores. Então, companheiros, eu quero pedir que vocês continuem fiscalizando e quero dizer para vocês o seguinte: nesses próximos quatro anos, a partir de agora, serão investidos 40 bilhões em saneamento ambiental, com estimativa de atendimento de cerca de 22 milhões de domicílios e 106 bilhões em habitação, com estimativa de cerca de 3,9 milhões de famílias.

Boa parte desses recursos, obviamente, será executada por meio de convênios do governo federal com os municípios brasileiros. E a primeira medida importante que anuncio aqui, além do 1% obviamente... não queiram dois agora, não é? Pelo amor de Deus, deixem passar pelos menos uns três anos para aumentar, porque senão... E a primeira medida importante que eu quero anunciar, depois do 1% aqui, é a redução da contrapartida exigida aos municípios para firmar convênios de acesso ao projeto do PAC nas áreas de habitação e saneamento. Pela nossa proposta, a contrapartida que antes chegava a 20% passará a ser de até 0,1%.

Não vou falar da sala da prefeitura porque a moça já assinou aqui, a nossa querida Maria Fernanda. Gostou do “moça” não é Maria Fernanda? A Caixa, como parceira das prefeitas e dos prefeitos, ampliará também a sua assistência técnica aos municípios, para auxiliá-los na elaboração e execução de seus projetos de habitação popular e saneamento básico. Este é um dos objetivos das salas que a Caixa tem que montar.

Estamos lançando o Banco de Projetos Exemplares, onde os prefeitos e as prefeitas poderão encontrar plantas e projetos de engenharia, com seus respectivos custos para a construção de casas e edifícios populares. Além disso, a Caixa disponibiliza para o município o portal de compras e a certificação digital, para redução e simplificação de procedimentos de compras e contratação de serviços.

Para melhorar ainda mais o atendimento aos prefeitos e prefeitas, editei o Decreto, em dezembro de 2006, que começa a funcionar agora, sempre com um atrasinho, implantando isso que o Walfrido acabou de assinar agora, cada ministério tem que ter uma assessoria especializada em atender prefeitos ou prefeitas, para que as pessoas possam ser melhor tratadas.

Na área da saúde, vamos disponibilizar este ano 1 bilhão de reais para viabilizar questões importantes como a regularização da situação funcional dos agentes comunitários de saúde, a redução de desigualdade regional de atendimento assistencial básico, a atualização populacional do piso de atenção básica de 2005 para 2007, a contratação de 15 mil agentes comunitários de saúde e de 2.000 equipes de Saúde da Família e ampliação do Samu e do Brasil Sorridente.

Nos próximos quatro anos serão investidos 1 bilhão de reais por ano em saneamento básico, para execução pela Funasa dentro do PAC. Esses recursos serão destinados aos municípios com população inferior a 50 mil habitantes. Os municípios com menos de 50 mil habitantes, com alta taxa de mortalidade infantil e menor taxa de cobertura de saneamento básico.

Quero anunciar também a abertura de uma linha de financiamento, aqui é importante prestar atenção, nós já abrimos uma para tratores, porque a quantidade de dinheiro que o BNDES colocou, e está aqui o meu companheiro Demian Fiocca, foi pouca, 300 milhões de reais, que é para comprar máquinas para que o prefeito tenha uma patrolazinha para ajudar o pequeno produtor a

abrir uma estrada. E agora nós estamos fazendo uma tratativa, está aí o meu ministro da Indústria e Comércio, tem aí os companheiros da Fazenda, negociando com as empresas de ônibus a produção de um ônibus standard, um ônibus que não tenha nenhum luxo, mas que ande e dure muito, que é um ônibus para o qual a gente vai conversar com os governadores de estado para tirar o ICMS, o governo federal tira todos os impostos da sua parte, os prefeitos, se for o caso, tiram o ISS, para a gente colocar ônibus a um preço muito barato, e com um tempo de pagar muito largo, para que a gente possa, definitivamente, transportar as crianças brasileiras para as escolas neste País.

No fim, meus companheiros e companheiras, preparem-se porque no ano que vem tem mais. De vocês para mim e de mim para vocês.

Um abraço e boa sorte

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de contratos para construção de navios da Transpetro

Rio de Janeiro-RJ, 11 de abril de 2007

Primeiro, vocês perceberam que hoje, além deste momento histórico da nossa indústria naval, da nossa Marinha Mercante, nós temos aqui uma novidade, que é a “república dos Sérgio”. Nós temos Sérgio Gabrielli, Sérgio Cabral, Sérgio Machado, Luiz Sérgio e, daqui a pouco, eu vou me batizar como “Lula Sérgio” para poder aumentar o nome dos Sérgio neste País.

Bem, quero cumprimentar o governador do Rio de Janeiro, o nosso companheiro Sérgio Cabral Filho,

Quero cumprimentar os meus companheiros ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; quero cumprimentar o Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; quero cumprimentar o Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; quero cumprimentar o nosso ministro Silas Rondeau, de Minas e Energia,

Quero cumprimentar o nosso amigo Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Brizola Neto, Carlos Santana, Edmilson Valentim, Edson Santos, Jorge Bittar, Luiz Sérgio e Simão Sessim,

Quero cumprimentar todos os secretários estaduais do Rio de Janeiro e secretárias,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobrás,

Quero cumprimentar o Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Quero cumprimentar Damian Fiocca, presidente do BNDES,

Maria das Graças Foster, presidente da BR Distribuidora,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes e seus secretários,

Quero cumprimentar Renato Ribeiro Abreu, diretor-presidente do Consórcio Rio Indústria Naval,

O Carlos Henrique Moreira Gomes, diretor-presidente do Estaleiro Sermetal,

Quero cumprimentar o David Fisher, diretor-presidente do MPE Participações e Administrações,

O Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato Nacional da Indústria Naval,

Quero cumprimentar o Maurício de Mendonça Ramos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro,

O Severino de Almeida, presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante,

O Hélio Seidel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros, a FUP,

Quero cumprimentar o Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Quero cumprimentar o Renato Duque, diretor da área de serviços da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro da Petrobras, também, o Estrela, que eu estou vendo aqui, na minha frente, não te colocaram na nominata, porque não sabem da sua importância na Petrobras,

Bem, meus amigos e minhas amigas, o meu problema é que meu discurso vem escrito, mas os números que eu tenho no meu discurso já foram tão citados aqui e eu vou tentar não repeti-los. Mas eu queria dizer da emoção, da satisfação e, eu diria, da gratidão de estar aqui com vocês.

Muitas vezes, a mãe da gente passa a manhã inteira na cozinha, um trabalho imenso para fazer o nosso almoço, a nossa janta e a gente, depois de perambular, chega em casa, na hora do almoço, sem ter a menor noção do sacrifício que ela fez para preparar aquele almoço, às vezes faltando os condimentos, e a gente reclama que não está bom, a gente reclama que quer mais, a gente reclama, muitas vezes, por irresponsabilidade ou sem saber o sacrifício que foi feito para chegar e aquele almoço estar na mesa.

Eu estou fazendo essa comparação porque foi muito sacrifício para a gente chegar onde chegamos. Sacrifício de adversários que não queriam que essas coisas acontecessem, sacrifício de pessoas que acham que o Brasil não precisa ter Marinha Mercante e tampouco precisa ter indústria naval, porque tem muita gente que acha: “Bom, mas lá fora eu faço mais barato”. Vamos

dizer, pensar apenas o econômico, em função do resultado da empresa, é ser pequeno, porque, no meio do econômico e da empresa, tem mulheres, crianças e homens que precisam trabalhar, sustentar as suas famílias e pagar imposto e, muitas vezes, aquilo que para a empresa parece um pouco mais caro, para o Brasil fica muito mais barato, pela quantidade de distribuição de renda que nós conseguimos fazer com um projeto desses. Tinha gente que achava que a nossa indústria naval não tinha mais competência, portanto, “ela está sucateada, está superada, para que fazer as coisas aqui?”.

Eu queria, em função disso, dizer para vocês que tem alguns parâmetros para a gente medir a construção de uma família, a construção de uma comunidade, a construção de um sindicato, de um partido político, de uma igreja, e a construção de uma nação. A construção de uma nação está subordinada ao estabelecimento de determinadas estratégias que definem se a gente vai ser uma grande nação ou uma grande nação. Nós temos nações que são respeitadas no mundo porque têm Forças Armadas totalmente equipadas, preparadas, modernas, com tudo o que vocês possam imaginar de armas de destruição em massa, com conhecimento em tecnologia. Outros países são importantes porque têm um conhecimento tecnológico extraordinário. Outros países são importantes porque têm uma indústria de ponta fantástica, grandes siderúrgicas, grandes indústrias automobilísticas, ou seja, produzem produtos eletrônicos sofisticados. Então, tem várias formas dos países se tornarem grandes economicamente e respeitados no mundo das nações. Tem algumas que conseguem ter todas as coisas juntas, tem algumas que têm grandes Forças Armadas, altamente preparadas para a defesa da soberania do país, tem outras que têm isso e têm grande conhecimento tecnológico, tem outras que têm os dois e ainda têm grandes indústrias. Ou seja, o Brasil precisa definir o que nós queremos.

Nós não poderemos ser uma grande nação se nós formos apenas exportadores de produtos *in natura*, de soja, de suco de laranja, de minério de ferro, isso é extremamente importante para nós. Mas isso não dá a dimensão de um país ser respeitado no mundo, nesse mundo globalizado, em que as fronteiras se estreitaram demais e o que vale, na verdade, é o instrumento chamado conhecimento e outro instrumento chamado seriedade, respeitabilidade, sem os quais a gente não vai a lugar nenhum.

Se fosse verdade o discurso da década de 90, de que quem não tem competência não se estabelece, o Brasil hoje seria o quê da vida? Se esse discurso fosse verdadeiro, por que duas pessoas que moram numa casa geminada precisariam ter duas televisões, duas geladeiras, dois fogões? Era muito mais fácil a gente dizer: “Bom, para economizar, a minha vizinha vai utilizar o fogão dela até as onze, das onze ao meio dia eu uso, para ficar tudo mais barato, pagamos o gás de meia. Televisão, para que cada um assistir a uma? Vamos juntar as duas e vamos ver a novela juntos. Tudo seria mais barato”. Mas as coisas não são assim. Imagina: “vamos colocar a mesma cerveja na geladeira”. E se o vizinho, dono da geladeira, bebesse uma a mais? Teria guerra entre os vizinhos. Então, por que a gente quer ter as coisas da gente, a geladeira, o fogão? Ora, porque nós queremos independência, porque nós queremos autonomia, porque nós queremos ligar a televisão na hora em que a gente quiser, nós queremos tomar cerveja na hora em que a gente quiser, nós queremos cozinhar na hora em que a gente quiser. Nós não precisamos ficar pedindo favor a ninguém.

Se isso vale para a nossa relação em família, isso deve valer muito mais – e é quase que sagrado – entre nações. Uma nação tem que ser soberana naquilo que é a questão tecnológica, a questão da produção de alimentos, a questão dos transportes dos seus produtos. Por que nós temos um déficit comercial de mais de 8 bilhões de dólares na balança de frete, vendo os navios atracar aqui com bandeiras estrangeiras, com trabalhadores estrangeiros, e os nossos pedindo esmolas na frente dos portos deste País?

Não é possível que os homens que dirigiram este País não perceberam que um país que tem conhecimento para produzir uma empresa como a Embraer, um país que tem competência para produzir e criar uma Petrobras, um país que teve o tamanho de criar uma CSN, um país que teve condições de fazer um combustível alternativo da qualidade do álcool, não tenha condições de ter uma indústria naval. Só tem uma hipótese: as pessoas que dominavam e que determinavam eram sócias das empresas estrangeiras que produziam lá fora. Porque se fossem brasileiros, saberiam que este País não poderia prescindir de ter uma indústria naval que pudesse disputar qualidade com os mais importantes países do mundo. Perguntem para os Estados Unidos se eles querem privatizar a Nasa, perguntem. Não querem, eles não querem nem ouvir

o nome de empresa pública, porque ali faz parte do poder do Estado americano.

E o Brasil precisa caminhar a passos largos para recuperar o tempo perdido, o tempo em que nós não acreditávamos em nós, o tempo em que nós achávamos bonito falar que nos países europeus e nos Estados Unidos as pessoas ganhavam bem e estudavam, mas que aqui, no Brasil, a gente não investia em educação, que aqui no Brasil a gente não investia na formação profissional, que aqui no Brasil a gente não tinha sensibilidade com os problemas sociais, porque eles só apareciam, na frente dos ricos, nas estatísticas ou nas televisões. Mas, hoje, esses problemas sociais estão aqui, no centro da cidade, nas melhores praias, estão no calcanhar de todos nós. Então, nós precisamos resolver o problema.

Há quantos anos a nossa Marinha não recebia investimentos neste País? Nós tínhamos uma Imbel, que produzia tanques, que produzia armas importantes, nós aceitamos acabar com isso, em nome do quê? Veja se os Estados que compõem o Conselho de Segurança da ONU, os membros permanentes, se os cinco – França, Estados Unidos, China, Inglaterra, pelo menos – abrem mão das coisas que eles construíram e que eles sabem que são importantes. Não, mas aí os países da periferia vão cedendo, é um editorial aqui, é um colunista ali escrevendo um artigo; é uma palestra aqui, outra ali, e vão dizendo para nós: “Olha, abro mão disso, vamos entregar isso, isso não vale nada”. E nós vamos entregando e, daqui a pouco, nós não somos uma nação, somos um amontoado de gente, e nós não queremos isso. Nós não somos gado para ser tangido pelos interesses do dono, nós somos gente e queremos pensar enquanto uma gente livre e soberana.

Por isso, a minha alegria. As ofensas que nós recebemos, por ousar recuperar a indústria naval brasileira, eu me lembro, José Sérgio, que diziam assim para nós: “A Petrobras não quer fazer, a Petrobras não vai contratar navio”. Tinha presidente que falava: “Não, a Petrobras é uma caixa preta, ninguém manda nela”. Não se trata de mandar na Petrobras, trata-se da Petrobras descobrir que ela é uma empresa e que o seu controlador é o governo, portanto, ela tem que se enquadrar dentro da estratégia de desenvolvimento do País, sobretudo, sem abrir mão dos seus interesses específicos. Ora, para que vale o sacrifício que nós fizemos para criar uma

empresa desse porte?

Então, o companheiro José Sérgio, que é meu companheiro há 30 anos, se ele falasse para mim: “Não, presidente Lula, sabe, no interesse da Petrobras, fica melhor a gente contratar navio em Singapura, que é mais barato”. Eu ia falar: José Sérgio, me desculpe, despeça-se de mim e vá embora da Petrobras, porque nós queremos fazer dessa empresa não apenas uma empresa lucrativa, nós queremos fazer uma empresa cidadã.

Eu aprendi, desde pequeno, que respeito é bom, a gente dá e a gente recebe. E a gente não é respeitado pela quantidade de dinheiro que a gente tem, é pelo caráter. E uma nação tem que ter caráter, uma nação precisa ter caráter. O que nós estamos fazendo é isso.

Eu me lembro, companheiros, que eu vim passar umas férias, um tempo, a convite do então companheiro Luiz Sérgio, que era prefeito da cidade de Angra, em Angra dos Reis. E lá, por coincidência, tinha muitos companheiros metalúrgicos e a gente ia numa praia em que eu tinha que atravessar por dentro do ex-estaleiro Verolme. Era triste, não tinha mais trilho, tinha capim. Aqueles guindastes estavam lá, todos enferrujados. Trabalhador era uma coisa do passado, era saudade, ou seja, tinha meia dúzia de metalúrgicos, ali, tomando conta, talvez tomando conta mais dos ratos do que do próprio estaleiro. E a gente via os companheiros metalúrgicos vendendo picolé na praia, vendendo cerveja na praia, não que isso desmereça o ser humano, mas eles tinham conquistado, um dia, a cidadania de ter um trabalho com Carteira Profissional assinada. Talvez as pessoas não saibam do orgulho de um trabalhador ter a Carteira Profissional assinada. Quem não passou por isso e não sabe o que é a conquista da cidadania, de um ser humano saber que ele está empregado, que ele tem seguridade social, que ele tem estabilidade, que ele tem um emprego e que todo mês vai levar para casa a comida para a família dele, às custas do seu sustento, talvez não dê importância para isso. Para mim, é sagrado.

Eu me lembro que foi naquela época que eu comecei a pensar: “se um dia esse povo me eleger presidente da República, nós vamos reconstruir essa indústria naval”. E alguns de vocês participaram dos embates durante a campanha de 2002. Tinha gente da Petrobras, José Sérgio, que escreveu artigo pago, na Gazeta Mercantil, dizendo que era uma insanidade querer

recuperar a indústria naval brasileira, que isso era de quem não conhecia que a gente poderia comprar muito melhor em Cingapura, na Espanha, na Noruega, sei lá, tinha gente que falava. E falava mais: o Brasil não pode construir plataforma, porque o Brasil não tem mais competência, não tem mais engenharia. Ora, o que está acontecendo neste instante no Brasil? Nós não só temos engenharia como estamos dispostos a nos transformar no país que tem a mais competente indústria naval do planeta Terra. E para isso, nós temos que acreditar em nós. Qual é a nação que vai para frente se a gente não acredita na gente?

Eu, uma vez, conversei com um companheiro que foi negociar a dívida externa brasileira, há muito tempo. E ele dizia assim para mim: “Lula, era uma vergonha. A gente ia negociar a dívida externa brasileira, a gente chegava lá de cabeça baixa. Eles falavam tão grosso com a gente, que a gente não tinha coragem de reagir”.

Eu fico imaginando, quando eu fiz a primeira viagem internacional, eu fui ao G-8. Primeiro eu fui a Davos e depois eu fui ao G-8. Eu me lembro de uma cena: eu cheguei lá, tinha alguns presidentes, cumprimenta daqui, cumprimenta de lá, como vocês sabem eu não falo nenhuma língua, portanto, falo a portuguesa, e meu intérprete atrás de mim. Daqui a pouco, chega um presidente, todo mundo levanta, e eu fiquei sentado. Aí perguntaram para mim: “você não vai levantar?” Eu falei: por quê? Ninguém levantou quando eu cheguei. Por que eu tenho que me levantar quando os outros chegam?

Porque a subserviência não ajuda na relação com os filhos, a subserviência não ajuda na relação entre marido e mulher, a subserviência muito menos ajuda numa relação entre Estados. Ou seja, o pescoço foi feito não para segurar a cabeça, mas para a gente poder erguer a cabeça nas conversas entre chefes de Estados, para você ser respeitado. Eu não quero ser maior, nem quero ser melhor. Não quero que o Brasil seja maior, nem melhor. Eu quero que o Brasil seja igual. Eu quero que o Brasil trate os Estados Unidos com respeito, mas também trate o Paraguai com respeito, o Uruguai com respeito, a Argentina, a Venezuela, a Bolívia, o Equador, a Colômbia, quero que trate os países menores do mundo, São Tomé e Príncipe, com respeito. Porque é isso que faz uma nação ser respeitada no mundo, é o jeito com que a gente se relaciona.

Eu disse uma vez para o Celso Amorim: nós vamos mudar a geografia comercial do mundo, nós vamos mudar. A gente não vai mudar se a gente continuar como a gente está agora. Todo mundo fica pensando que a Europa pode comprar tudo de nós. Não vai comprar, porque eles também têm limites. Todo mundo fica pensando que ser amigo dos Estados Unidos vai ser bom, que eles vão comprar tudo de nós. Também não vão comprar, porque tem muita gente esperando que eles façam o mesmo com eles. Então, nós decidimos o quê? Vamos procurar outros parceiros. Se tal mulher não quer casar com um homem ou tal homem não quer casar com uma mulher, não precisam ficar os dois brigando. Sai um pouco e procura, tem outras mulheres e outros homens para casar.

Na política comercial é a mesma coisa: vamos procurar os iguais, vamos procurar os que têm similaridades conosco, vamos voltar as costas para a nossa América do Sul, que pode comprar muito do Brasil e pode vender muito do Brasil. E hoje o que acontece, quatro anos depois? Nós temos boas relações com a União Européia, boas relações com os Estados Unidos, mas o nosso parceiro comercial hoje é a América Latina, enquanto conjunto de nações. A China já está numa parceria exuberante conosco, a Índia, a África do Sul, e a África voltou a ser enxergada pelo governo brasileiro, que deve tanto, do ponto de vista cultural e da nossa Nação, à África, e jamais deveria ter virado as costas para a África. As autoridades brasileiras olhavam para a Europa e faziam como aquelas boas enviesadas, que eu espero que seja o gol feito hoje pelo Romário, porque eu sei que os flamenguistas, os fluminenses, os botafoguenses podem achar ruim, mas a verdade é o seguinte: enquanto tem muita gente com 20 anos querendo desistir, o Romário, com 40 anos, quer continuar. Antes de ser vascaíno, é um profissional da mais alta competência e tem tido um comportamento exemplar, como teve o Júnior, no Flamengo, como teve o Zico, no Flamengo, como teve pessoas que marcaram história e são exemplos para a nossa juventude.

Bem, o que aconteceu é que nós conseguimos procurar parceiros, criamos o G-20, criamos o G-4 e, hoje, nós estamos numa posição em que ninguém faz negócios internacionais entre nações sem ouvir o que pensa o G-20, porque não tem nenhum país tão rico, mas tem China, tem Índia, tem Brasil, tem Argentina, tem toda a América do Sul, tem a África do Sul. Então,

quando eles olham para nós, eles percebem: não têm o tanto de dinheiro que nós temos, mas têm mais da metade da população do planeta Terra. Eles sabem que nós somos consumidores e, portanto, pesamos nas negociações.

E mais ainda, o Brasil não é apenas consumidor. Hoje nós não exportamos mais produtos *in natura* ou não produzimos só grãos. Hoje, 52% do que nós exportamos são produtos manufaturados, e nós queremos mais. E vai chegar um dia, meu caro ministro da Indústria e Comércio, Miguel Jorge, que a gente não vai estar exportando só avião, a gente vai estar exportando inteligência, vai estar exportando conhecimento. Porque, quando isso acontecer, nós seremos a grande nação que o Brasil poderia ter sido no século XX, se não fosse o comportamento de subserviência que nós tivemos durante muito tempo.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria de estar aqui. Nós ainda não fizemos tudo, tem muito para fazer. Nós queremos que a indústria naval brasileira e queremos que a Marinha Mercante brasileira possam crescer muito mais, porque o crescimento do Brasil pode ser infinito. Acho que o futuro que espera o Brasil no século XXI é extremamente importante. Eu olho, todo santo dia, para os números da economia. Eu olho, todo santo dia, para as dificuldades que podem se apresentar, e eu não vejo, quero confessar aos meus queridos companheiros e irmãos brasileiros e brasileiras, que eu não olho, por mais que eu tente olhar, não enxergo uma única coisa que possa atrapalhar o Brasil a se transformar numa grande nação. Se tiver a vontade do governo, se tiver a compreensão da classe política e se tiver a vontade do povo brasileiro, esses 42 navios que a Petrobras quer encomendar até 2010 são muito pouco diante do que nós teremos que encomendar até 2020.

Meus parabéns, Sérgio Machado. Meus parabéns, Sérgio Gabrielli. Meus parabéns, trabalhadores deste País. E que Deus possa nos guiar.

Eu queria terminar dizendo uma coisa. Vocês estão percebendo que há uma grande afinidade na relação do governo federal com o governo estadual do Rio de Janeiro. Eu quero reiterar uma coisa, aqui, porque eu disse, antes da campanha, que o Sérgio Cabral e eu poderemos construir a mais importante parceria já feita entre o estado do Rio de Janeiro e o governo federal, sem preconceito. Eu não disputo nada com o Sérgio, ele não disputa nada comigo. O que nós disputamos, sim, não para ver quem faz mais, o que nós queremos

é terminar o nosso mandato e saber que o povo do Rio de Janeiro foi o único ganhador dessa aliança Rio de Janeiro e governo federal, governo federal e Rio de Janeiro.

Este estado tem muita importância na história do Brasil, tem muita importância econômica e muita importância cultural. Este estado não pode continuar aparecendo na imprensa nacional apenas nas páginas policiais ou nos noticiários policiais. Este estado tem que aparecer como um grande estado na área do turismo, na área da indústria, na área do desenvolvimento, no crescimento econômico e, também, no bom combate à criminalidade em que nós, Sérgio, vamos ser parceiros, porque a minha responsabilidade é saber que eu preciso ser parceiro, portanto, ajudar a resolver os problemas do Rio, de São Paulo, de Minas e de qualquer estado brasileiro. E, aí, nós vamos precisar da compreensão de vocês, da ajuda de vocês, porque os problemas foram acumulados durante tantas décadas que, possivelmente, o estado, sozinho, não tenha a solução, é preciso ter a cumplicidade da sociedade brasileira para as boas causas.

Eu saio daqui, hoje, satisfeito. Saio daqui meio realizado por aquilo que eu imaginava que é a indústria naval. E posso dizer aos companheiros sindicalistas que esse crescimento do emprego vai dar dor de cabeça para vocês, porque vão vir mais trabalhadores, eles vão ganhar mais, vão ficar mais espertos, vão cobrar mais de vocês e, daqui a pouco, estarão fazendo chapa de oposição contra vocês, preparem-se.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura de Jovens Voluntários para os Jogos Pan-Americanos

Rio de Janeiro/RJ – 11 de abril de 2007

Meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus queridos companheiros ministros de Estado, Tarso Genro, da Justiça; Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; e Orlando Silva, do Esporte,

Luiz Fernando, nosso companheiro responsável pela Segurança Nacional,

Meu caro Luiz Fernando de Souza Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Meu caro José Carlos Schmidt, presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro,

Meu caro Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro,

Deputados federais Brizola Neto, Carlos Santana, Edmilson Valentim, Edson Santos, Luiz Sérgio e Simão Sessim,

Meu querido Beto Cury, da Secretaria Nacional da Juventude,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro José Hilário Nunes Medeiros, coordenador das Ações de Segurança dos Jogos Pan-Americanos,

Meus companheiros secretários de estado,

Secretários do município,

Vereadores,

Meu querido companheiro Augusto César Franco Alencar, diretor-geral do Sistema Firjan,

É importante que neste ato que estamos fazendo aqui, ao terminá-lo cada um de nós que está no palanque saiba o que estamos fazendo aqui e cada um de vocês saia sabendo por que nós convocamos essa manifestação da juventude do Rio de Janeiro, que vai trabalhar para cuidar de muitas coisas de cidadania nos Jogos Pan-Americanos. Nós temos que deixar isso claro, porque tem muita coisa interessante para acontecer neste País.

Eu acho que a juventude brasileira, sobretudo os nossos adolescentes, estão a se perguntar, todo dia, qual será o dia seguinte na sua vida e o que vai acontecer de bom para eles. Eu estive aqui há mais ou menos 30 dias assinando uma medida provisória, liberando 100 milhões de reais para que o governo do estado pudesse concluir todas as obras do PAN. E aqui eu me encontrei com um grupo de jovens que estavam fazendo o curso para participar do PAN. Esses jovens pediram para tirar fotografia e eu disse ao Governador: eu acho que nós precisaríamos conversar com esses jovens antes de começar os Jogos Pan-Americanos. E aí resolvemos marcar esta data de hoje, no Maracanã.

Depois que eu vim ao Maracanã e bati um dos melhores pênaltis já batidos neste Maracanã, na frente de um goleiro competente, mas que não conseguiu pegar o pênalti,

eu fui a Pernambuco entregar o diploma de formação profissional para 4 mil e 200 jovens que fazem parte do ProJovem. E lá eu vi jovens, meninas de 17 anos, já mães de dois filhos, indo estudar com os dois filhos no colo. Eu vi mãe de 15 anos de idade indo para a escola, com o filho com febre, mas queria fazer o curso porque achava que aquilo era a independência dela.

Pois bem, eu fiquei imaginando, ao conversar com um jovem que tinha começado um curso, foi preso, e dentro da cadeia continuou estudando. E pelo fato de continuar estudando, o governador do estado e o secretário de Segurança de Pernambuco autorizaram esse jovem a voltar para a escola para estudar, entendendo que ele tinha se arrependido do delito cometido. E eu comecei a entender que valia a pena o que nós estávamos fazendo.

Pois bem, ontem e antes de ontem, vocês viram na televisão brasileira, em quase todos os jornais e no Jornal Nacional, o resultado do concurso feito pelo Ministério da Educação, avaliando o grau de eficiência dos estudantes brasileiros na universidade. E o que aconteceu? Os alunos do ProUni, em 14 categorias foram os melhores alunos aprovados nesse concurso. E por que os alunos do ProUni? Porque quando nós lançamos o ProUni, houve gente que disse que quando nós estivéssemos dando oportunidade para jovens pobres da periferia, que tinham estudado em escola pública, de fazer um curso universitário, nós iríamos rebaixar a qualidade da universidade brasileira. E, depois de pouco tempo na universidade, esse jovem de escola pública, filho de homens e mulheres pobres, filho de homens e mulheres que não tiveram condições de estudar, ao serem comparados com outros jovens, filhos de classe média e classe rica, esses jovens pobres mostraram que a única coisa que eles precisam na vida é de uma oportunidade para provar que são tão competentes quanto qualquer outro brasileiro na história deste País.

Pois bem, aqui nós estamos diante de um grupo de jovens voluntários do PAN, e é importante vocês terem clareza de que essa idéia de aproveitar a juventude em todo o território nacional significa a gente trazer a juventude, não apenas para ter uma oportunidade, mas para tentar abrir um leque de oportunidades para que ela perceba que o Estado brasileiro, as prefeituras, e o governo do estado estão dispostos a dar a sua contribuição para que esses jovens possam vencer.

Este encontro, que se realiza no âmbito dos Jogos Pan-Americanos, seu sentido é muito mais duradouro do que as duas semanas de competições esportivas com milhares de representantes dos nossos irmãos de todas as Américas. E a razão é simples, quando esses jogos terminarem para os atletas que vieram para o PAN, começa o jogo da vida e da cidadania de todos vocês. E aqui nós temos exemplos que eu queria citar. Nós temos no meio de vocês um companheiro chamado Edras Barreto da Silva, ele tinha sete anos quando assistiu pela televisão a comemoração de Natal em que fui passar o Natal com os catadores de papel lá em São Paulo, lá na Baixada do Glicério, em 2002.

Pois bem, o Edras convenceu a mãe dele, a dona Zilda Barreto da Silva, de que também poderia fazer a mesma coisa na sua comunidade, selecionando lixo. Começaram armazenando os materiais no barraco onde viviam, no morro do Itararé, no complexo do Alemão. Outras pessoas se juntaram ao trabalho e buscaram um espaço maior. Dona Zilda conseguiu legalizar o grupo constituído “Clube de Mães e Amigos do Morro do Itararé” e conseguiu ocupar o galpão destelhado de uma antiga fábrica de cerveja em frente ao complexo. Hoje, lá trabalham 45 pessoas e, como a área era muito grande para o pouco lixo a selecionar, a comunidade juntou suas competências e construiu três salas de aula. É nessas salas de aula que os professores ensinam os guias cívicos. O curso de guia tem prazo para acabar, mas as aulas e a transmissão do conhecimento, certamente, nunca vão acabar. E por causa dessa idéia de um menino de

7 anos, que convenceu a sua mãe em 2002, lá já passaram mais de 400 jovens do Complexo do Alemão, entre eles alguns que foram resgatados do crime e outros tantos que têm resistido ao crime.

Tem também o caso da Viviane de Almeida Laurindo, ela está aqui no meio, tem 19 anos de idade, mora na comunidade de Inhaúma, no Complexo do Alemão também, e tem certeza de que o curso de guia cívico que está fazendo vai abrir novas portas e novas oportunidades para ela. Durante os Jogos Pan-Americanos quer pegar as pessoas pelas mãos e mostrar que o Rio de Janeiro é muito mais cidade do que muitas vezes se pensa. Ela viveu a amarga experiência de escapar sem ferimentos, felizmente, de um tiroteio que durou várias horas.

O que estamos fazendo aqui, certamente, deixará dois legados. E é importante, Governador, é importante, representantes da Prefeitura, é importante, jovens do Rio de Janeiro, saber que o Pan-Americano não vai acabar e vai tudo embora, não. Aqui, por conta do PAN, nós vamos deixar, na forma de doação, 3 mil e 800 computadores para os programas de inclusão digital, e outros 1 mil e 200 ao sistema de segurança do Rio de Janeiro. Além disso, vamos deixar 600 câmeras de TV nos locais dos jogos e principais vias de acesso, em pontos estratégicos da cidade. Aqui, Governador, vamos deixar mil viaturas que serão incorporadas à frota da polícia do estado do Rio de Janeiro, 27 aeronaves, entre helicópteros, aviões e motoplanadores. Mais de 5 mil aparelhos de comunicação da polícia serão trocados por equipamentos de tecnologia digital e criptografada, além, é claro, dos equipamentos esportivos para uso da população em geral. Outro legado se traduz na inclusão social, no maior fortalecimento da auto-estima dos brasileiros e do Rio de Janeiro e no despertar da afirmação pessoal de milhares de jovens que vivem em situação de risco no entorno dos locais dos jogos.

Eu queria, meus companheiros e minhas companheiras, poder enxergar quem está lá também, porque eu estou aqui escondido atrás do toldo. Mas eu queria dizer para vocês – depois alguém vai pegar esse envelope aí, eu não tenho como pular aqui, senão vou ensinar os torcedores a pularem e não podemos fazer isso, mas depois alguém pega – eu queria dizer para vocês, para terminar, de uma inquietação que eu tenho. E essa inquietação, se eu não passar para vocês, eu não volto para casa tranqüilo. É a inquietação da motivação dos adolescentes brasileiros em acreditar que a gente pode vencer na vida se for persistente, se for corajoso, se for ousado e se tiver, do lado da gente, uma família que possa agregar os valores que a família tem que ter. E eu faço questão de repetir isso em todos os lugares que eu vou. É importante que isso sirva de estímulo para vocês porque, muitas vezes, a gente acorda de manhã e vê a televisão, só tem notícia negativa; a gente compra um jornal, só tem notícia negativa; a gente escuta um rádio, muitas vezes, tem muita notícia negativa. Muitas vezes eu tenho a impressão de que as coisas boas perderam espaço para as coisas ruins. Por exemplo, lá no Congresso Nacional, quando eles querem dizer que tem um deputado que não trabalha, eles não individualizam, eles dizem: “a Câmara dos Deputados não trabalha”, e aí o povo passa a entender que são os 513 deputados que não trabalham. Se tem um deputado corrupto, “tem corrupto na Câmara”. Às vezes não especificam e induzem as pessoas a acreditarem que é tudo a mesma coisa.

Quando um jovem comete um delito, quando um jovem comete uma coisa bárbara, às vezes aparece na imprensa durante 30 dias. E, muitas vezes, o jovem faz coisas boas e não aparece nem no rodapé de um jornal, não é notícia. Eu quero dizer isso para ter uma conversa muito franca com vocês. Eu, às vezes, tenho a impressão de que nós valorizamos o que não presta e desprestigiamos o que presta neste País. Vou dizer isso porque vocês são exemplos de que os jovens do Rio de Janeiro são infinitamente melhores do que, muitas vezes, a impressão que se passa na televisão, no

rádio ou em qualquer outro lugar. A impressão que eu tenho é que se a gente mostrar o jovem que cometeu um crime, a gente deveria mostrar, do outro lado, os milhões de jovens que são pobres, que estão com o pai desempregado, a mãe desempregada, que não têm o que tomar no café de manhã, não têm o que almoçar, mas são jovens honestos que querem estudar, que querem trabalhar e querem apenas uma oportunidade.

Muitas vezes isso não é mostrado e está aqui, vocês sendo exemplo dessa maioria de brasileiros oriunda de famílias pobres, com as necessidades que o pobre tem no Brasil. Bastou oferecer uma oportunidade para vocês fazerem um curso, para aprenderem noções de inglês, noções de espanhol, noções de cidadania e pagar 175 reais, que vocês souberam sair de casa e agarrar essa oportunidade com unhas e dentes.

Eu quero dizer para vocês uma coisa muito importante, eu saí de Pernambuco com 7 anos de idade para ir para São Paulo. Eu fui um jovem que comeu pão pela primeira vez aos 7 anos de idade, quando cheguei na cidade de Santos, em São Paulo. Eu fui um jovem que ganhou o primeiro presente aos 18 anos de idade, quando eu já estava formado torneiro mecânico, um presente que eu mesmo me dei: eu comprei uma bola que não era nem bola de capotão, como a gente chamava antigamente a bola oficial, era uma bola de borracha. Depois eu comprei o meu segundo presente, já que a minha mãe não tinha dinheiro para me dar presentes. Foi uma bicicleta velha, e eu perdia mais tempo consertando a corrente dela do que pude andar nessa bicicleta.

Eu fui um pobre como vocês, mas eu tive uma chance e a agarrei. Teve um tempo em que eu tive que decidir entre continuar o estudo científico ou fazer um curso profissionalizante. Como a minha mãe tinha se separado do meu pai e tinha 8 filhos dentro de casa, eu preferi fazer um curso profissional e foi esse curso de torneiro mecânico que me permitiu, de 8 irmãos, ser o primeiro a ter um diploma de curso profissional, o primeiro a ter uma televisão, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma casa. Por conta dessa profissão, eu fui trabalhar numa fábrica grande, entrei no sindicato, entrei na política e virei presidente da República, depois de perder três eleições neste País.

Eu poderia ter desistido, porque aqui no Brasil dizia-se que política não era coisa para pobre, que pobre, o máximo que podia fazer era ter título de eleitor para votar nos ricos. E eu teimei, eu tinha consciência de que era tão inteligente ou mais do que eles, o que eu precisava era acreditar em mim mesmo, era ter fé e trabalhar. Cada eleição que eu perdia eu voltava para casa, encontrava a Marisa, às vezes a gente discutia: “não vale a pena, a elite brasileira não vai deixar você ganhar, os tubarões não vão deixar você ganhar, eles têm preconceito, você é pobre, não tem diploma universitário, é nordestino, não sabe falar inglês, não sabe falar espanhol.” Mas eu achava que para governar o Brasil eu não tinha que falar inglês, eu tinha era que falar a língua que o meu povo entende, eu tinha que falar era o idioma da sociedade brasileira.

Pois bem, companheiros, eu perdi três vezes. E cada vez que eu perdia, eu levantava a cabeça e estou aqui hoje. Eu estou dizendo isso para dizer para vocês: vocês estão começando a vida, pelo amor de Deus, não desanimem. No dia em que vocês estiverem em casa desanimados com a política e estiverem pensando: “O Sérgio Cabral não presta, o Lula não presta, o deputado não presta, o vereador, não presta”, ainda assim, por favor, não desanimem, porque se nenhum de nós prestarmos, quem sabe o político ideal está dentro de vocês, entrem na política e ajudem a mudar a história deste País.

E aqui eu quero dizer para vocês: não há espaço para desanimar. Não foram poucas as vezes que eu, no domingo, na hora do almoço, sentava com a minha mãe, três irmãs e meus irmãos e, muitas vezes, o que tinha para comer era um bocado de feijão com arroz, nada mais. Eu, às vezes, levava marmita para a fábrica, ia me sentar com os

companheiros e quando eu me sentava com os companheiros e eles abriam as marmitas, um tinha bife, outro tinha frango, e a minha marmita não tinha nada. Eu fechava a marmita com vergonha de comer na frente deles. Eu, muitas vezes, acordei na minha casa, lá em São Paulo, com um metro e meio de água dentro de casa, rato passando, nadando, barata, fezes, e nada disso me desanimou. Cada desgraça que acontecia eu achava que eu tinha que ter mais fé, acreditar mais e lutar mais, porque não era possível a gente ceder aos infortúnios da vida. Nós temos que resistir, acreditar e lutar. Cada dia que a gente for dormir, a gente tem que ter mais fé e mais esperança.

É por isso Governador, é por isso, empresários aqui presentes, é por isso, Ministros, é por isso, companheiros, que a nossa tarefa com essa juventude não termina agora quando terminar o PAN. Quando o PAN terminar os atletas vão embora, mas vocês ficam. E se a gente permitir que esses jovens voltem a perder a esperança, significa que nós somos irresponsáveis. Nós temos que entender que vocês estão dando o primeiro passo e o agarraram com unhas e dentes. Cabe agora aos prefeitos, aos governadores, ao presidente da República, aos empresários, estender a mão e não permitir nunca mais que vocês voltem ao que eram antes de entrarem para fazer esse curso de jovens cidadãos do PAN.

Nós temos que assumir. Cada empresário, Eduardo, se cada empresário brasileiro contratasse um jovem, apenas um jovem, eu não estou pedindo dois, se cada empresário contratasse um jovem, a gente poderia ter 6 milhões de empregos para esses jovens trabalharem. Se a gente conseguir fortalecer o ProUni, já são 300 mil jovens na escola, fazendo universidade, e nós queremos chegar a 500, a 600, a 700, porque ou o Estado oferece a oportunidade de vocês estudarem, ou oferecemos a oportunidade de vocês trabalharem ou, no desespero, o crime organizado venderá a facilidade para vocês, a vida maligna venderá a facilidade para vocês.

Eu acho, meus companheiros e companheiras, se me permitem tratá-los assim, e me desculpem vir aqui vestido desse jeito para conversar com vocês. É que são milhões de jovens que são o resultado dos desgovernos históricos deste País, são milhões de jovens de 17 a 24 anos, de 15 a 24 anos, só que desistiram da escola são 30% das meninas entre 15 e 17 anos, desistiram da escola porque tiveram filhos e vão ter que cuidar dos filhos.

Pois bem, eu quero dizer para vocês que este ato que estamos fazendo aqui hoje, este curso que estamos fazendo aqui hoje, até o dia 29 de julho, quando terminar o PAN, é apenas o começo da nossa relação. Se depois que terminar o PAN, nós não dermos continuidade a um trabalho com vocês, se nós não criarmos oportunidade de vocês irem para a universidade, se nós não criarmos oportunidade de vocês trabalharem, se nós não criarmos oportunidade de segurança para a família de vocês, eu acho que não valeu a pena a gente fazer tudo isso, e não valeu a pena porque vocês estão dando uma lição em nós. Vocês não são bandidos, não são filhos de bandidos, vocês são gente que eu olho, na cara de vocês, e vejo a cara do Brasil. Vocês são filhos e filhas do Brasil, estão dizendo ao governo: “por favor, não queremos favor, só queremos oportunidade, nos dêem a oportunidade que nós faremos a revolução que este País precisa para a produção e para o enriquecimento”.

Muito obrigado a todos vocês, que Deus os abençoe e até os Jogos Pan-Americanos.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com a Comissão Nacional de Política Indigenista

Palácio do Planalto, 19 de abril de 2007

Não estava nem previsto eu falar, mas eu queria dizer o seguinte aos companheiros representantes da Comissão e aos nossos companheiros representantes das nações indígenas aqui presentes: vocês estão acompanhando que neste novo mandato nós temos que aproveitar para fazer as coisas que não fizemos no primeiro mandato.

Eu queria dizer para vocês que, por mais que tenhamos feito, eu acho que nós ainda não fizemos grande parte das coisas que precisamos fazer para tornar a qualidade de vida de vocês uma qualidade de vida que respeite a cultura de vocês e, ao mesmo tempo, dê condições de vocês poderem viver com dignidade.

Nós sabemos de problemas de terras com ocupação de fazendeiros, nós sabemos de problemas de comunidades indígenas que vivem num território infinitamente pequeno, que não permite sequer que se tenha uma agricultura que permita sobreviver. O nosso novo Ministro da Saúde e o nosso Presidente da Funai têm o compromisso de, a partir de tudo o que não aconteceu de 2003 a 2006, a gente fazer acontecer de 2007 a 2010.

A criação da Comissão é uma coisa necessária. Eu fiz o decreto no ano passado e ela agora está instalada. Eu espero que a Comissão possa ajudar o governo a dar aos índios brasileiros o respeito e a dignidade que eles deveriam ter merecido a vida inteira. E eu penso que hoje é extremamente importante, não apenas por ser o Dia Nacional do Índio, mas é o dia da consagração dessa Comissão. Ou seja, com a criação da Comissão, eu queria que vocês soubessem que vai aumentar a responsabilidade de cada um de vocês, porque agora os erros que nós cometermos e os acertos que nós fizemos serão compartilhados entre nós.

Quero dizer para vocês que não tem tema que seja proibido discutir. Nós estamos abertos a discutir qualquer tema, a discutir qualquer problema levantado, porque essa experiência que vamos ter, com a Comissão Nacional

criada por nós a pedido de vocês já há muito tempo, é a possibilidade que nós temos de tornar a relação Estado brasileiro e índios brasileiros a mais democrática e mais civilizada possível.

Os brasileiros vão ter que entender que, quando eles estiverem andando na rua e virem um índio ou uma índia aqui, próximo do Palácio do Planalto, ou próximo de um Ministério, ou em qualquer outro lugar, eles não têm que ficar imaginando que aquele índio está vindo aqui para fazer um manifesto, para fazer qualquer coisa. Eles têm que perceber, compreender, que é um cidadão brasileiro que, como todos os outros, tem o direito de andar pelas ruas deste País, de entrar no palácio do governo e de ser atendido da forma que nós temos que atender todo e qualquer ser humano brasileiro que passe pelo palácio do governo.

Posso dizer para vocês o seguinte: vocês terão, neste segundo mandato, muito mais atenção do governo. E aproveitem, por favor, vocês não foram escolhidos para a Comissão para bater palmas para o governo, vocês foram escolhidos para trabalhar junto com o governo e cobrar do governo as coisas que precisam ser feitas neste País para as nações indígenas aqui representadas e as que não estão aqui representadas. Nós sabemos de parte dos problemas que vocês vivem, nós sabemos que precisamos e temos condições de tomar as decisões para resolver esses problemas, para que, ao terminar este mandato em 2010, a gente possa orgulhosamente dizer que finalmente os índios conquistaram a sua soberania e a sua cidadania definitiva nesse País, não transformando vocês num branco, mas transformando a sociedade brasileira numa sociedade que tenha consciência e uma alma capaz de compreender o significado que vocês têm para o nosso País. Afinal de contas, não são os índios que são intrusos, nós é que somos os intrusos e, portanto, nós temos que construir essa parceria trabalhando muito.

Quero agradecer, Márcio Meira, a você, e te desejar toda sorte do mundo. O nosso querido Temporão está aqui, o nosso ministro da Saúde, ele já sabe de vários dos problemas que nós temos que atacar para melhorar o tratamento de saúde de vocês. Não para vocês terem que ir para a cidade, mas para a gente levar à aldeia os benefícios que nós levamos para as cidades. Eu penso que nós estamos vivendo um novo tempo, estamos vivendo uma nova era, e eu quero contar com o testemunho de vocês para que a gente possa,

nestes próximos quatro anos, fazer muito mais e fazer melhor do que já foi feito.

Muito obrigado e parabéns para vocês!

Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lida durante a solenidade Cívico-Militar do Dia do Exército

Brasília-DF, 19 de abril de 2007

O Exército brasileiro e o sentimento de nacionalidade nasceram juntos num distante, mas inesquecível, 19 de abril. Naquele dia, no ano de 1648, negros, brancos e índios uniram-se na resistência ao invasor estrangeiro e em defesa do nosso território.

A Batalha dos Guararapes, vencida pelos patriotas, deixou demonstrada a força transformadora do povo brasileiro, quando unido em torno de uma causa comum. Demonstrou também que Exército e povo caminham juntos.

Hoje, no Dia do Exército, quero homenagear o nosso soldado, que demonstra todo o seu valor nos tempos de paz e nunca foge à luta em defesa da pátria. Muitas vezes, é pela mão amiga do soldado que a cidadania chega a milhares e milhares de outros brasileiros, moradores dos mais remotos rincões do nosso País. É ele quem leva a educação, a saúde e a seguranças às mais distantes fronteiras do Brasil.

O soldado brasileiro ajuda a combater o analfabetismo, fantasma do passado que nós estamos derrotando. Ele está também na linha de frente do desenvolvimento, construindo estradas e levando o futuro, na forma da inclusão digital, a longínquas aldeias indígenas. Cumpre com disciplina e coragem todas essas missões, sem abrir mão do braço forte em defesa da soberania nacional.

Mas não se limita às nossas fronteiras a ação competente do Exército. As 12 missões internacionais de paz nas quais atuamos mostram, mais uma vez, a seriedade, a dedicação e o espírito de solidariedade de brasileiros e brasileiras, civis e militares.

Os recentes elogios da ONU às tropas que operam no Haiti significam, antes de tudo, maior reconhecimento internacional ao papel do Brasil no mundo. Para isso, o País precisa de Forças Armadas muito bem equipadas e adestradas. Posso garantir que o nosso governo está empenhado firmemente em cumprir com esse objetivo, dentro dos parâmetros mais adequados e

convenientes ao Brasil.

Na condição de Comandante Supremo das Forças Armadas, posto ao qual fui alçado pela vontade democrática do nosso povo, quero ressaltar o orgulho que sinto de ter o Exército como aliado de todas as horas, na luta permanente em defesa do Estado de Direito e na construção de um País cada vez melhor, mais forte e justo socialmente.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da fábrica da Hyundai**

Anápolis-GO, 20 de abril de 2007

Meu caro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,
Meu caro prefeito de Anápolis,
Meus caros Ministros,
Presidente da Hyundai coreana,
Embaixador da Coréia,
Deputados federais,
Senadores,
Empresários,
Revendedores do novo carro do Grupo Caa,oa,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu não ia falar, tinha pedido ao Ministro da Indústria e Comércio que falasse. Mas depois do pronunciamento do grupo liderado pelo Carlos Alberto, eu resolvi dizer algumas palavras. Primeiro porque o Johnny, esse menino de 21 anos, metalúrgico formado pelo Senai, também me inspirou. O Johnny fez um discurso, é o primeiro discurso dele, aos 21 anos de idade. Eu fiz o primeiro discurso aos 27 anos, significa que você tem, pelo menos sete anos na frente, a possibilidade de ser presidente da República daqui a alguns anos.

Mas o que me inspirou, Carlos Alberto, na verdade, foi o teu entusiasmo. Uma empresa, seja ela brasileira ou multinacional, para se instalar em qualquer lugar, ela precisa de algumas coisas sem as quais o empresário não faz investimento. A primeira coisa que uma empresa precisa para fazer um investimento, qualquer que seja o lugar, é ter consciência de que o país tem uma estabilidade macroeconômica, que as pessoas não vão ser pegadas de calça curta a cada mudança de governo ou a cada mudança de ministro. A segunda, é a pessoa que vai investir ter clareza de que aquele país tem infraestrutura capaz de permitir o escoamento da produção que faz. A terceira, é saber se existe ou não mercado para o produto que vai fabricar. A quarta, é

saber se tem mão-de-obra qualificada para produzir esse produto. E a quinta e última, é o grau de confiança que a pessoa tem que ter, na hora de colocar a mão no bolso, tirar o seu dinheiro e dizer: “eu vou fazer uma aplicação”, qualquer que seja o investimento.

E por que eu digo que essa ousadia do Carlos Alberto merece um registro especial? É porque o Brasil, durante muitas décadas, durante todo o século XX, foi um país que teve momentos extraordinários. O Brasil teve momentos em que a economia cresceu 14,3% ao ano e teve momentos em que a economia cresceu 7,5% durante quase seis anos consecutivos. Mas faltava uma coisa que pudesse garantir ao Brasil se transformar numa economia sólida, para que o País pudesse crescer, de forma continuada, durante décadas, e não ficasse oscilando, crescendo ora 10, ora nada, ora 7, ora nada, ora 15, ou seja, passando incerteza a todas as pessoas, sejam os produtores, sejam os consumidores.

Quando nós assumimos o governo, em 2003, todo mundo lembra que eu dizia o seguinte: qualquer político neste País pode errar, eu não tenho o direito de errar. E por que eu dizia que não tinha o direito de errar? É porque, em torno da minha eleição, tinha pelo menos três décadas de expectativa de um segmento muito importante da sociedade brasileira, que via, na nossa entrada no governo, a primeira possibilidade de combinar uma política macroeconômica responsável com uma política de crescimento sustentável, acompanhada de uma política de distribuição de riqueza que pudesse permitir aos pobres brasileiros voltar a sonhar neste País.

Para chegar onde nós chegamos, não foi fácil. Os senadores, os deputados, no meu primeiro mandato, viveram o que eu vivi, e muito mais difícil foi ter a coragem de fazer o ajuste fiscal que nós fizemos em 2003. Quem entende de economia, aqui, e nem precisa, economista é como técnico de futebol, todo mundo sabe um pouco, sabe que o que nós fizemos no ano de 2003 foi quase uma sangria no próprio peito para garantir que este País pudesse construir, nos anos seguintes, uma solidez que lhe desse a sustentabilidade que estamos conquistando agora.

Eu não sei se todos vocês acompanham os números da economia, mas muitas vezes a gente fica vendo algumas pessoas falarem de manhã na televisão, ou às vezes a gente fica acompanhando os especialistas de alguma

área, e eu às vezes tinha a impressão, Sandro Mabel, de que o Brasil não ia dar certo, porque você lê determinadas coisas de tamanha desesperança que fala: por que eu vou concorrer à reeleição se todo mundo está dizendo que o Brasil não vai dar certo?

Pois bem, o que aconteceu de fato e de direito a este País? É que o País precisava de um pouco de seriedade, este País precisava de alguém que não pensasse em governar apenas para um mandato de quatro anos, já que essa é a grande problemática do nosso País. As pessoas pensam em governar apenas no período do seu mandato, e não se preocupam que uma geração perpassa três, quatro ou cinco mandatos, e que uma nação perpassa de forma infinita tantos quantos mandatos aparecerem neste País.

Mas as pessoas não pensavam assim. Então, você via, num ano, que o Brasil estava milagroso, no ano seguinte, quebrava. No ano seguinte, “agora vai dar tudo certo”, e no ano seguinte, não dava certo. As pessoas iam dormir com o dólar a 4 reais e acordavam com o dólar a um real. As pessoas iam dormir com os preços do *commodities* valendo 10, depois não valiam nada. E assim nós atravessamos pelo menos três décadas, não foi uma década. Essa meninada que a gente está vendo agora, praticando violência nas ruas deste País, com 18 ou 19 anos, é o resultado da irresponsabilidade no tratamento da questão da economia deste País, ao longo de décadas. Eles são os filhos das desventuras econômicas feitas neste País.

Pois bem, não por mérito do Presidente da República, mas muito mais por mérito da sociedade brasileira, nós atingimos um estágio na economia brasileira, que o Brasil só não atravessará a fronteira dos países em desenvolvimento para entrar na fronteira dos países definitivamente desenvolvidos se cair aqui uma bomba atômica de pessimismo ou uma coisa que não estamos prevendo. Porque o horizonte, olhando daqui a 10 anos, é um horizonte de boas e extraordinárias perspectivas para este País.

Vocês estão lembrados que há 5 anos a gente não tinha crédito para garantir o pagamento das nossas importações, a gente não tinha reservas e era obrigado a ficar todo ano implorando ao FMI que emprestasse um dinheirinho para ficar na reserva. Hoje, este País tem 112 bilhões de dólares de reserva, este País tem um superávit comercial de 47 bilhões de dólares. E portanto, Carlos Alberto, este País criou um mundo para que você possa, junto

com os coreanos, vender este produto na América do Sul, que nunca teve. O Brasil tem fronteira com quase todos os países da América do Sul, menos com Equador e Chile, e a gente passou o tempo inteiro olhando apenas para a Europa e para os Estados Unidos. A gente não olhava para quem tinha potencial de comprar os nossos produtos, a gente não discutia política de integração, a gente não discutia os problemas comuns aos países da América do Sul. Então, hoje, o País está preparado para ter essa indústria automobilística e, quem sabe, para receber mais uma indústria automobilística, se a gente não estiver pensando apenas no mercado interno.

O pessimismo, a inveja e o preconceito são três doenças gravíssimas do ser humano. O pessimismo, eu lembro, Miguel Jorge, quando você não estava no governo ainda, quantas vezes você, como representante do Santander, em discussões, discutia crise econômica, o Marinho participava de reuniões com a indústria automobilística, e todo dia as pessoas sentavam na minha mesa dizendo: “O mundo acabou, não vai dar certo, não está vendendo”. E, mês a mês, desde que eu assumi o governo, a indústria automobilística bateu recorde de produção e recorde de venda.

Ora, qual era o problema que a gente tinha? O problema era que a economia não crescia, não tinha aumento da massa salarial, portanto, não tinha renda. E depois, o trabalhador brasileiro e a classe média baixa brasileira não se importam muito com o custo final do produto. Eles se importam é se a prestação vai caber dentro do holerite deles, dentro do contracheque deles, se couber, eles vão virar compradores de carro, compradores de geladeira, compradores de televisão. É isso que está acontecendo na indústria automobilística agora neste País: outro recorde de produção, outro recorde de exportação, outro recorde de venda dentro do mercado interno.

E, ainda, Carlos Alberto, nós enfrentamos, agora, o gostoso prazer de ser o País do flex-fuel, o País que saiu do nada para produzir 100% de carro a álcool; depois voltamos a produzir, outra vez, zero de carro a álcool; e, agora, voltamos a produzir 85% dos carros vendidos no mercado interno, flex-fuel, combustível limpo, produzido no Brasil, na terra brasileira, com cana brasileira, por empresários brasileiros. E nós queremos ganhar o mundo. Nós vamos ser, talvez, a única nação, daqui a 15 ou 20 anos, que não vai exportar um carro, vai exportar um pacote: leva-se o carro com o tanque cheio, com tanque cheio

do combustível mais limpo que está sendo produzido neste momento.

As perspectivas são as melhores possíveis. Quando nós pensamos o PAC, o PAC foi trabalhado quatro meses antes de ser anunciado, porque a gente queria que o Programa tivesse começo, meio e fim. São 250 bilhões de dólares em quatro anos, em infra-estrutura. É pouco. Um País do tamanho do Brasil precisaria de, quem sabe, um trilhão de dólares para fazer investimento, mas não temos e também não queríamos anunciar meganúmeros que depois a gente não pudesse cumprir.

Eu aprendi, viu Johnny, e você deve ter aprendido na tua vida, que a gente tem que dar o passo do tamanho da perna. Se a gente tentar dar um passo maior – parece que a gente vai poder dar e não vai dar –, a gente pode é quebrar a perna ou ter uma distensão. O importante é que a gente tenha a ousadia que estamos tendo, que a gente mantenha a certeza de que o País não pode ficar como se fosse um mar, eu diria, revolto, cheio de ondas, cheio de marolas, que é muita coisa que acontece no Brasil.

No Brasil, tem um problema: aqui o Marconi foi governador, o Alcides é governador, o William foi governador, o Maguito foi governador, o Brasil é um País fantástico. Nós estivemos dois anos em crise na agricultura, e quem era o culpado? Era o governo federal. Não choveu, teve seca, perdeu, quem paga o pato? É o governo federal, porque as pessoas acham que a gente tem um pacote de dinheiro esperando a crise para resolver. Agora choveu, está tudo bem. Quem é o culpado pelas coisas estarem bem? Não é o governo, ou seja, nós só somos culpados se chover demais e perder a lavoura, ou se não chover e perder a lavoura. Se estiver tudo certo, o governo não existe.

Ora, este País tem que aprender, de uma vez por todas, que ele depende da agricultura, que é um dos seus pilares e, portanto, estamos fazendo uma política de seguro agrícola para garantir que nenhum produtor precise fazer passeata, achando que a gente tem dinheiro para dar. Ele estará garantido no seguro agrícola e, portanto, ele tem direito, não tem favor, não precisa que deputado, senador ou presidente da República faça um favorzinho e dê uma ajudazinha. Não, ele vai ter o seguro. Teve problema, vai lá, o seguro cobre e a vida continua, da mesma forma que vale para a indústria e qualquer outro setor da atividade econômica.

Quando, no Brasil, nós todos – presidente da República, o cidadão mais

humilde, empresários, políticos – assumirmos que, juntos, temos a responsabilidade pelas coisas boas que acontecem no Brasil, mas também pelas coisas ruins... Eu, quando vejo o noticiário: olha, teve violência no Rio de Janeiro, então é preciso diminuir a maioria penal, vamos começar a punir logo as criancinhas antes que virem bandidos. Aí a gente vê, nos Estados Unidos, um jovem matar 32 jovens – e não é problema da fome –, a gente tem que pensar: será que é diminuir a maioria penal ou será que é a gente dar esperança para essa juventude sonhar que vai ter um futuro estudando e trabalhando?

Quando nós criamos o ProUni, e é importante vocês atentarem para isso, nós lançamos um programa de quase 300 mil bolsas para os alunos pobres da periferia fazerem universidade. Eu li muitos artigos que diziam assim: o presidente Lula vai nivelar a educação por baixo, ou seja, vai rebaixar o nível da universidade, porque os pobres estão tendo acesso à universidade. O que aconteceu na semana passada? O MEC fez uma pesquisa e, nessa pesquisa, foram avaliados 14 cursos, envolvendo Engenharia, Medicina, Veterinária, Psicologia, Ciências Contábeis. Quais foram os melhores alunos dos 14 cursos? Exatamente, meu caro Alcides, os alunos pobres da periferia, que tinham ganho a bolsa de estudos, numa demonstração de que a inteligência não está ligada à origem social das pessoas, a inteligência está ligada às oportunidades que as pessoas têm para poder mostrar que têm e que não têm.

Então, meu caro, se você, um menino pobre da Paraíba, chega e monta uma indústria automobilística; se um pernambucano pobre, de Garanhuns, chega à Presidência da República, este País não tem que pedir licença para ninguém. Este País tem que levantar o pescoço, acreditar nele mesmo, que nós nos transformaremos neste século. Eu não estou falando mais para mim, que tenho 61 anos, e acho que a possibilidade de viver mais 60 é muito pequena. Mas, vamos pegar seus filhos, pegar estes jovens que estão aí, pegar o Johnny. Ou seja, Johnny, você vai viver para ver, nos próximos 30 anos, este País ser uma das principais economias do mundo. Não depende dos coreanos, não depende dos japoneses, não depende dos alemães, não depende dos americanos, não depende dos chineses, depende apenas de nós, brasileiros e brasileiras, acreditarmos nisso.

Meus parabéns, Carlos Alberto, meus parabéns aos empresários da Coréia. Sobretudo, eu quero dizer aqui, fazer justiça ao sonho que o senador Marconi Perillo tinha com esta empresa. Não foram poucas as vezes em que ele foi ao meu gabinete dizer: “Presidente, a empresa tem que ir para lá”. E ela veio para cá. E eu quero, Alcides, que agora você possa dar o que puder, contribuir com a alma, para que esta empresa se transforme numa grande montadora, competitiva como as montadoras do Sul do País. É isso que conta para o Goiás e para o Brasil.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de posse das Diretorias da Anfavea e do Sinfavea – Gestão 2007/2010

São Paulo - SP, 20 de abril de 2007

Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,
Senhor Rogelio Golfarb, ex-presidente da Anfavea,
Ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,
Luiz Marinho, da Previdência Social,
Senhor Alberto Goldman, vice-governador do estado de São Paulo,
Deputado estadual Vaz de Lima, presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo,
Senhor Paulo Butori, presidente do Sindipeças,
Senhor Sérgio Reze, presidente da Fenabreve,
Senhor Cláudio Vaz, presidente do Ciesp, Centro das Indústrias do Estado de São Paulo,
Senhor Heleno José Bezerra, vice-presidente da Força Sindical,
Senhor José Lopes Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,
Senhoras e senhores representantes do setor automotivo,
Meus amigos, minhas amigas, meus senhores e minhas senhoras,

Eu penso que demorei muito para ser convidado para uma posse da Anfavea. Eu fui, durante muito tempo, dirigente sindical, Feijóo, e não tive o privilégio de ser convidado como presidente do Sindicato, somente como presidente da República, numa demonstração de que houve uma evolução extraordinária no aprendizado a que todos nós fomos submetidos nesses últimos 20 anos.

Mas a minha palavra aqui, não vou utilizar o meu discurso, é apenas, Jackson, para desejar a você mais sorte do que os teus antecessores tiveram. Eu convivi, nesses três anos, com o Rogelio. Tivemos um começo de conversação em que a gente não vislumbrava um momento importante para a

indústria automobilística, eu sempre mais otimista que o Rogelio e os outros empresários que ele levava a Brasília para conversar. Eu penso que agora nós atingimos um patamar de estabilidade em que poderemos, tranqüilamente, sonhar que o Jackson vai ter muito mais felicidade que os outros.

Eu acho que a indústria automobilística brasileira se modernizou. É verdade. Acho que o estado, seja o estado de São Paulo ou os outros estados que têm indústria automobilística, seja o governo federal, compreenderam muito rapidamente o peso que a indústria automobilística tem no desenvolvimento do Brasil. Ao mesmo tempo, a empresa também compreendeu que era preciso se modernizar, que era preciso investir em engenharia para que a gente pudesse, cada vez mais, ter produtos competitivos no mercado interno e no mercado externo. O resultado é que, por mais que se reclame, ano após ano, mês após mês – mesmo que o Rogelio não me diga –, a gente lê no dia seguinte no jornal que a indústria automobilística vendeu mais, que a indústria automobilística produziu mais, sobretudo, no mercado interno.

Eu lembro uma discussão que tivemos com a Anfavea sobre a questão do preço do aço no Brasil. Choravam o tempo inteiro que o aço estava subindo 70%, o que estava dificultando. O pessoal do aço criticava que a indústria automobilística não queria fazer contrato de longo prazo e ficava essa briga de dois gigantes. E nós tomamos a decisão de reduzir à alíquota zero a importação de aço. O aço parou de subir, essa é a verdade. Não sei se por conta disso, mas o dado concreto é que também a indústria automobilística não quebrou, as vendas mensais e as vendas no mercado interno têm crescido de forma extraordinária.

Obviamente que ela vai crescendo na medida em que vai crescendo a renda do trabalhador, vai crescendo na medida em que a gente vai melhorando a política de crédito e vai crescendo na medida em que a gente também começa a perceber que o trabalhador brasileiro e o consumidor brasileiro, eu penso que é uma coisa própria do Brasil, a gente não estar preocupado muito com o custo final de um produto. A gente está querendo saber é se a mensalidade daquele produto vai caber no nosso bolso a cada 30 dias, para saber se a gente pode pagar. E eu penso que nós também tivemos um avanço extraordinário tanto no crédito quanto na questão do aumento de prazo para

que as pessoas possam comprar um carro.

Não poderia deixar de registrar aqui o sucesso do flex-fuel. Eu lembro que esses meninos, o Marinho ainda era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, me apresentaram uma vez um projeto de renovação da frota de automóveis e de caminhões no Brasil. E sugeriam, dentre as alternativas para renovar a frota de carros, a indução da chamada “frota verde”, ou seja, criar um mecanismo em que o próprio estado pudesse começar a adquirir carro a álcool para a gente recuperar o carro a álcool no Brasil. E não precisou disso. O fato é que a engenharia brasileira, depois de provocada, depois de estimulada, conseguiu, em pouco tempo, mostrar um produto, mostrar um carro, que será o pacote mais extraordinário que a gente pode oferecer ao mundo. Um carro que tem alternância de combustível, que pode utilizar quanto quiser de cada um, um carro muito menos poluente, e um carro que, eu penso, será o carro do futuro no mundo, se nós quisermos cumprir as regras que os Estados conseguem estabelecer para diminuir o aumento do calor do nosso Planeta.

E outra revolução que está para acontecer no mundo e, graças a Deus, ela começa pelo Brasil, é a revolução do biodiesel. Eu tenho andado muito pelo Brasil, eu tenho andado muito pelo mundo, tenho discutido. Na semana passada, tivemos uma grande reunião com todos os chefes de Estado da América do Sul para discutir a questão energética, para discutir a questão dos biocombustíveis, para discutir a questão do petróleo, e nós estávamos discutindo a hipótese de um argumento que não tem muita veracidade, que é a incompatibilidade entre a produção de biocombustíveis e a produção de alimentos. Não existe nenhuma possibilidade de a gente entrar em choque nisso, até porque, por menos esperto que seja um cidadão, ele sabe que a principal energia para dirigir o carro é ele, primeiro, cuidar da sua energia – comer – portanto, ele vai produzir alimentos.

Uma outra possibilidade é que o povo precisa de renda para comprar alimentos, ou seja, um dos problemas da fome no mundo não é a falta de alimentos, é a falta de renda para comprar esses alimentos. Nos biocombustíveis, muitas das oleaginosas com que será produzido o biocombustível, você pode fazer uma combinação perfeita entre a produção da oleaginosa e a produção de alimentos, sem nenhum problema, Feijão. Se você

imaginar que no Brasil nós temos 851 milhões de hectares e, desses, 444 milhões vão para a agricultura; se você imaginar que a cana ocupa apenas 1% de toda essa terra; se você imaginar que a soja ocupa 4%; se você imaginar que o pasto ocupa 29%; e se você imaginar que, cada vez mais, a gente vai deixar de criar gado solto como nós criamos hoje e vai utilizar tecnologia para também criar o nosso gado, percebe-se que nós temos milhões e milhões de hectares para plantar o nosso biocombustível. Esse programa foi pensado, também, não apenas para o Brasil, ele foi pensado para o mundo, foi pensado para a África, foi pensado para a América Central, foi pensado para a América do Sul. Não há incompatibilidade.

Pois bem, neste momento histórico que estamos vivendo, em que a gente, Rogelio e Jackson, já não discute mais estabilidade econômica, essa coisa tem que ficar um pouco de lado, porque já conquistamos, e depois que a gente conquista, precisa apenas consolidar. Não se pode voltar a brincar como antes, temos que manter a estabilidade como uma conquista fundamental da sociedade brasileira, com a demonstração viva de que os juros vão continuar caindo e vão chegar ao patamar que podem chegar de sustentabilidade para a competitividade nacional no mundo globalizado. Se nós levarmos em conta que o problema de crédito de pagamento das nossas importações já não existe mais... Eu lembro que, em 2004, eu estava na Índia, quando a Índia atingiu 100 bilhões de dólares de reservas. Eu lembro que eu estava com um grupo de ministros, o Furlan estava comigo, o Palocci estava comigo, e a gente ficava discutindo: "Puxa vida, o dia em que o Brasil atingir 100 bilhões de dólares de reserva, nós vamos conquistar muito mais coisas". Pois bem, já chegamos a 112 bilhões de dólares de reserva.

Vocês, que são empresários, vocês, que são agentes do desenvolvimento deste País, sabem que nós não temos mais esse problema. Pois bem, já conquistamos a confiança internacional, já estamos a ponto de ser um dos países de maior pretensão para os investidores estrangeiros. Nós, agora, precisamos estabelecer o quê? Uma cumplicidade boa entre nós, a cumplicidade de que não existe problema que o governo possa resolver sozinho ou problema que a indústria automobilística possa resolver sozinha, ou qualquer outra indústria. Nós temos que estabelecer regras de conversação, nós temos que estabelecer um diálogo capaz de enfrentar os problemas de

forma conjunta, e dar o salto de qualidade que o Brasil precisa.

Eu não me conformo de a gente só exportar 30%, porque nós temos um mercado à nossa espera. A África, daqui a 30 anos, terá 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se 30% dessa população consumir alguma coisa, o Brasil pode, se quiser e for ousado, ter uma penetração extraordinária nesse mundo, como estamos tendo, agora, na América do Sul. Quando eu tomei posse, a gente tinha 400 milhões de balança comercial com a Venezuela. Hoje, nós temos 4 bilhões de balança comercial com a Venezuela e com todos os países.

A América Latina, hoje, é a maior parceira comercial do Brasil. Os Estados Unidos, enquanto país individualmente, são o maior. A Europa, enquanto conjunto de países, é o segundo, e não é mais o primeiro hoje, por quê? Porque nós resolvemos mudar um pouco a geografia comercial do mundo. Nós resolvemos estabelecer uma regra que eu aprendi, Marinho, no Sindicato. Eu aprendi, quando vocês, na indústria automobilística, na década de 80, me apertavam muito, eu tinha que aprender como construir leque de forças que pudesse garantir que eu tivesse mais peso na negociação. O que nós fizemos? Para a gente não ficar brigando dessa forma diferenciada, com dois blocos extraordinariamente fortes, União Européia e Estados Unidos, o que nós fizemos? Criamos um bloco. Qual foi o bloco? O G-20. O que tem o G-20? Nada mais, nada menos, do que países do tamanho da China, do tamanho da Índia, do tamanho da África do Sul, do tamanho do Brasil, do tamanho da Argentina, o que tornou o mundo negocial mais equilibrado. Hoje, eu duvido que haja uma negociação no mundo sem que eles tenham que chamar o G-20 para sentar à mesa, para a gente colocar as cartas em igualdade de condições.

Esse Brasil que nós estamos vivendo no ano de 2007 precisa dar passos. Nós demos um sinal com o PAC. O PAC, parece pouco, mas serão 250 bilhões de dólares de investimentos em quatro anos, o que pode começar a mudar a cara deste País de verdade. Na próxima terça-feira, estaremos lançando um programa de educação, preocupado exatamente com a formação profissional da sociedade brasileira, com a competitividade com os chineses e com a Índia. Por quê? Porque se a gente não investir no conhecimento, se a gente não fizer aflorar a inteligência da nossa sociedade, o que vai acontecer? Nós vamos ficar atrás outra vez. E eu não quero que o Brasil jogue fora a oportunidade que jogou no século XX. Eu tenho dito que o século XXI tem que

ser o século do Brasil, tem que ser o século daqueles que não tiveram vez no século XIX e no século XX. Portanto, nós poderemos, a passos largos, com uma responsabilidade que adquirimos nesse período, construir políticas conjuntas em várias áreas para o desenvolvimento deste País, para que a gente possa não apenas crescer a 4% ou a 4,5%, mas crescer um pouco mais, crescer de forma responsável, sem permitir que prevaleça entre nós aquele discurso de que 1% a mais de inflação não faz mal, porque quem aceita 1%, aceita 2%, quem aceita 2%, aceita 3%. Daqui a pouco a gente volta a ter inflação outra vez e, quando ela volta a crescer, a gente não controla no curto prazo, e todo mundo aqui tem essa experiência.

Pois bem, nós achamos que esse é o momento do Brasil. Ele depende da confiança que cada um de nós tiver em nós mesmos e no Brasil. Eu não tenho dúvidas, quem já conviveu comigo sabe, que nós vamos cumprir com a nossa parte. Vamos continuar acreditando que este é o momento em que, se os empresários brasileiros, o governo brasileiro, os governos estaduais, os prefeitos, sobretudo os das grandes cidades brasileiras, e os mais diferentes setores econômicos deste País, assumirmos a responsabilidade de tomar em nossa mão a construção deste País, nós evitaremos incorrer em erros do passado. Nós não permitiremos, em hipótese alguma, que a política determine a lógica da economia, porque isso foi um dos problemas que aconteceram muito com o Brasil no século passado. E nós agora, que já conquistamos o gosto, o prazer da estabilidade, da credibilidade, da confiança, do crescimento, não podemos parar.

Por isso, quero dizer, Jackson, que você tem, não apenas no ministro Miguel Jorge, de quem você é amigo há muito tempo, tem no governo todo, um parceiro, para que juntos, ao invés de ficar diagnosticando desgraça, a gente construa o futuro deste País.

Meus parabéns e que Deus te ajude nessa empreitada.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos atos normativos do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)

Palácio do Planalto, 24 de abril de 2007

Excelentíssimo senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Excelentíssimo Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Excelentíssima senadora Roseana Sarney, líder do governo no Congresso Nacional,

Ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os ministros aqui presentes, com exceção do ministro Fernando Haddad, que é o artista principal deste evento. Portanto, meu caro Fernando Haddad,

Senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,

Senhoras e senhores secretários especiais,

Meu querido companheiro governador Marcelo de Carvalho Miranda, governador do estado de Tocantins,

Meu querido governador Wellington Dias, governador do estado do Piauí,

Senadores, senadoras,

Deputadas e deputados,

Senhores e senhoras representantes da área educacional brasileira,

Meus amigos, minhas amigas, companheiros da imprensa,

Convidados,

Minhas amigas e meus amigos,

Nenhum tema é tão positivo, tão mobilizador e capaz de unir tanto o



País quanto a educação. Mas só transformaremos esta emoção cívica em realidade quando houver uma profunda mudança de atitude dos governos, da sociedade civil e, muito especialmente, da família em relação ao ensino público. É por isso que hoje é uma data de grande significado para o Brasil. Estamos dando um passo vigoroso para a reformulação do ensino e para um novo envolvimento da sociedade com o projeto de educação nacional.

O Plano de Desenvolvimento da Educação, que tenho a alegria de lançar neste momento, traz em seu arcabouço poderosos instrumentos de aperfeiçoamento de gestão, financiamento, conteúdo, método, participação federativa e participação cidadã, capazes de promover profundas mudanças na nossa educação pública. Eu o anuncio como o Plano mais abrangente já concebido neste País para melhorar a qualidade do sistema público e para promover a abertura de oportunidades iguais em educação. Eu vejo nele o início do novo século da educação no Brasil. Um século capaz de assegurar a primazia do talento sobre a origem social e a prevalência do mérito sobre a riqueza familiar. O século de uma elite da competência e do saber, e não apenas de uma elite do berço ou do sobrenome.

Meus amigos e minhas amigas,

Nada é mais importante hoje do que a capacitação dos brasileiros para que possamos construir uma riqueza nacional mais sólida e firmar uma presença cada vez mais soberana no mundo. Isso só pode se dar pela melhoria na abrangência e na qualidade da educação do nosso País.

O Plano de Desenvolvimento da Educação parte dessa premissa e persegue esse objetivo. Sabemos que, ao contrário do que se fez no passado, a educação pública só pode melhorar se for aperfeiçoada em todo o seu conjunto. E, em cada peça desse conjunto, deve-se estabelecer metas e cobrar resultados. Dessa forma, o Plano de Desenvolvimento da Educação, que será explicado em todos os seus detalhes pelo ministro Fernando Haddad, prevê intervenções profundas na educação básica, na alfabetização de jovens e



adultos, na educação profissional e no ensino superior. Ele reorganiza, em vários aspectos, a cooperação dos três níveis da Federação, sem enfraquecer a responsabilidade dos estados e dos municípios na gestão das escolas. Eleva o total de investimentos em educação a um patamar inédito, estabelece sistemas de monitoramento e aferição de resultados e convoca, como nunca, a sociedade a participar desse esforço de transformação nacional.

O PDE nasce da reflexão política de que o fortalecimento da educação é, antes de tudo, o fortalecimento da nossa capacidade de resolver todos os demais problemas do nosso País. Mas o fortalecimento da educação só pode se dar se houver uma mudança profunda na qualidade e na filosofia do ensino e, para isso, é indispensável debater o ensino, a relação do estado com o ensino e a relação da família com a educação. O PDE é fruto do esforço técnico e político deste governo, mas é resultado de uma ampla consulta a todos os setores envolvidos com a educação no País. Foram ouvidos centenas de educadores, cientistas, técnicos, intelectuais, políticos e empreendedores e nele também estão sintetizadas a experiência e as conquistas do nosso primeiro governo.

Minhas amigas e meus amigos,

No nosso primeiro governo lutamos contra imensas dificuldades, mas isso não impediu que fizéssemos muita coisa pela educação. Passamos a investir em todos os níveis de ensino, da creche à universidade, e acabamos com aquela lei absurda que proibia a criação de novas escolas técnicas. Por isso, nunca se criou, em espaço tão curto de tempo, tantas universidades, escolas técnicas e agrotécnicas. Conseguimos ampliar de forma expressiva o acesso do estudante pobre à universidade. Isso se deu tanto por meio do ProUni, que será ampliado agora pelo PDE, quanto pela criação de novas universidades, especialmente no interior do nosso País.

Um dos resultados mais emblemáticos do nosso esforço foi a criação do Fundo de Educação Básica, o Fundeb, que é um dos esteios do plano que



lançamos hoje e vai aumentar em 10 vezes o investimento federal nas áreas mais carentes do ensino.

O PDE garante, sem dúvida, um aumento significativo de verbas na educação, mas os problemas do nosso ensino público não se restringem à quantidade de investimentos, nem serão resolvidos apenas com a liberação de novos recursos. Ao contrário, existe muita coisa que o dinheiro em si não resolve e muitas dificuldades que os governos sozinhos não poderão superar.

Por isso, como já disse, o Plano de Desenvolvimento da Educação é, ao mesmo tempo, um conjunto de medidas modernizadoras e um instrumento de mobilização nacional para envolver toda a sociedade no esforço em prol de um ensino público transformador e de qualidade. Por exemplo, a reconstrução do ensino básico passa, necessariamente, pela solução dos problemas que inibem o rendimento, a freqüência e a permanência do aluno na escola.

O PDE tem uma série de programas e medidas para atingir esse objetivo, que serão tocados conjuntamente pela União, estados, Distrito Federal e municípios. Mas na base deles está uma sólida parceria com as famílias e as comunidades. Do contrário, não atingiremos o resultado ideal. Destaco as metas do compromisso, “Todos pela Educação” que, espero, venha a se transformar no maior programa de mobilização social pela educação já visto no nosso País. Se colocarmos o estado e sociedade fiscalizando metas, vamos conseguir, entre outros resultados, organizar melhor o sistema de monitoramento nacional da qualidade do ensino público e do nível de investimento por aluno em todo o território nacional. Vale ressaltar também os programas de modernização tecnológica do ensino, com a introdução, até 2010, de laboratórios de informática em todas as escolas públicas do País, além de conectar, via internet, todas as escolas do ensino médio, urbanas e rurais, em todos os municípios brasileiros.

Meus queridos educadores e educadoras do Brasil,

O Plano de Desenvolvimento da Educação vai utilizar os recursos do



Fundeb para tornar realidade um antigo sonho dos profissionais da educação escolar pública: o piso nacional da categoria. Este é o passo decisivo para transformar o magistério da educação básica em carreira pública, organizada nacionalmente, embora remunerada pelos diversos entes federativos. Gradativamente vamos introduzir, também, incentivos nacionais para que o profissional da educação possa galgar estágios sucessivos de qualificação. Professores bem-remunerados, com uma sólida formação profissional, são fundamentais para avançarmos na qualidade da educação. Para isso, a Universidade Aberta do Brasil será um instrumento decisivo, pois vai permitir, e já está permitindo, que os professores façam o curso superior sem sair de suas próprias cidades.

Nossa meta, até o final do governo, é implantar mil pólos da Universidade Aberta para formar e aperfeiçoar a qualificação de 2 milhões de professores e professoras em todo o território nacional. É preciso, como estamos fazendo, valorizar os profissionais da educação, o que não se dá apenas pelo salário, mas também pelo reconhecimento do importante papel que os educadores têm na vida do nosso País. Por isso, é necessário que sejam criadas as carreiras profissionais, para que eles vejam futuro na profissão, para que possam se aperfeiçoar constantemente e ser estimulados no seu esforço e no seu trabalho.

Não quero antecipar a bela apresentação que o Fernando Haddad vai fazer, por isso deixo que ele aprofunde essas e outras medidas do Plano de Desenvolvimento da Educação para a educação básica, alfabetização de jovens e adultos, educação profissionalizante e ensino superior. Mas não posso deixar de enfatizar que o PDE vai tornar realidade todos os nossos compromissos de campanha na área de educação.

Além dos que já citamos, faço questão de falar de mais três. Primeiro, abrir a universidade para o povo e transformar gradativamente o Brasil no país mais democrático do mundo no acesso à universidade. O PDE vai ajudar nisso,



ampliando em 100 mil o número anual de bolsas do ProUni e implantando o Programa de Reestruturação das Universidades Federais.

Dois, ampliar e modernizar o ensino profissionalizante, colocando uma escola técnica em todas as cidades-pólos do País. E aqui apenas um apelo: por favor, meus queridos companheiros, não arrumem mais cidades-pólos do que já temos, senão...

Três, recuperar o atraso na alfabetização, com foco nos mil municípios que detêm uma taxa de analfabetismo superior a 35%, sendo que, desse total de mil municípios, 950 deles estão no Nordeste.

Minhas amigas e meus amigos,

É preciso ter coragem de afirmar que a maioria das famílias brasileiras tem uma relação contraditória e paradoxal com a educação. Todos os pais querem, de coração, que os filhos tenham uma boa educação e obtenham sucesso na vida, mas pouquíssimos estabelecem uma relação de intimidade com a escola dos seus filhos. Este comportamento tem que mudar, pois do contrário não conseguiremos implantar um projeto nacional de educação integral e transformadora. A educação é um direito dos cidadãos e das crianças. Educação não é apenas ir à escola, é aprender. As escolas públicas têm Conselhos que prevêm a participação dos pais.

Além de orientar as crianças em casa, é preciso que os pais freqüentem a escola, acompanhem o resultado de seus filhos, ajudem a escola, e também cobrem da escola o aprendizado de suas crianças. Cada pai e cada mãe tem que ser o fiscal e construtor da escola do seu filho, acompanhando o dia-a-dia, apoiando o professor, transformando cada escola num bem sagrado da comunidade. Afinal, todos sabemos como é complexo e difícil ser educador nos dias de hoje. Para mim, a educação tem, antes de tudo, que ensinar a pensar. E quem aprende a pensar pensa melhor sobre a sua vida, sobre a vida de sua comunidade e sobre a vida de sua nação. Constrói um sentimento de auto-estima e de consciência nacional. É isso que queremos com nossa educação.



Meus amigos e minhas amigas,

Eu disse que o desenvolvimento seria o nome do meu segundo mandato. Desenvolvimento com distribuição de renda e educação de qualidade, três coisas, aliás, que não podem andar separadas. O Plano de Desenvolvimento da Educação vem justamente cumprir o nosso compromisso. Mas não se trata de um compromisso pessoal de um Presidente, mas de toda uma nação, pois um dos desafios básicos para qualquer nação é a absorção de conhecimento. Isso começa pela educação em seus vários níveis, se desdobra na pesquisa e no desenvolvimento científico, e se consolida na incorporação e desenvolvimento de novas tecnologias.

Não me canso de repetir que a pobreza e a riqueza das nações não se medem, hoje, meu querido companheiro Guido Mantega, apenas por suas riquezas materiais. Ao referencial do Produto Interno Bruto, devem somar-se, necessariamente, os índices de qualidade de vida, de conhecimento e de saber de um povo, para a gente definir que tipo de nação nós seremos.

Por isso, eu quero ser testemunha aqui, de que o companheiro Guido Mantega e o Paulo Bernardo nunca tiveram mãos tão abertas para que a gente pudesse concluir este Programa.

A imprensa tem chamado o PDE de “PAC da Educação”. Não é uma comparação, de todo, inadequada. Na verdade, os dois são complementares. Eu já disse uma vez: para diminuir a desigualdade entre as pessoas, a alavanca básica é a educação; e para diminuir as desigualdades entre as regiões, a alavanca básica são os grandes programas de desenvolvimento, que ampliam a infra-estrutura produtiva e social.

Desta forma, PAC e PDE são anéis de uma mesma corrente em favor da construção de um novo Brasil. Um Brasil que é feito de obras e ação, mas também de sonho e utopia. Um Brasil que não se faz em um dia, que não se faz em um só governo, mas para o qual estamos dando, hoje, aqui, passos decisivos. Um Brasil que quer acelerar, crescer e incluir. Um Brasil que está



fazendo isso com a energia, a garra e, certamente, o amor de todos os brasileiros.

Meus queridos amigos,

Eu queria concluir dizendo para vocês, deputados, senadores, educadores, empresários da educação, ministros, que, possivelmente, a gente saia daqui sem ter a dimensão do que fizemos hoje neste salão, no Palácio do Planalto. E, possivelmente, somente nos debates aguerridos que haveremos de ter dentro do Congresso Nacional para aprovar projetos de lei – nenhuma medida provisória, só projeto de lei, Arlindo e Renan não poderão fazer nenhuma crítica dessa vez – somente nos debates é que, possivelmente, nós, governantes, deputados, senadores e a sociedade, venhamos a descobrir o passo gigantesco que demos hoje.

Na verdade, eu penso que estamos assumindo um compromisso em que durante muitas décadas se afirmava no Brasil que a juventude era o futuro da nação e nada mais acontecia. O resultado de que o jovem era o futuro da nação, a gente vê hoje nos noticiários da televisão, nos jornais: jovens de 15 a 24 anos na criminalidade, meninas se prostituindo, mercadejando o seu corpo. Tudo isso porque em algum momento da história não foram feitas as coisas corretas que deveriam ter sido feitas neste País, sobretudo na questão da educação.

Eu quero dizer para vocês: não tenham medo de errar, se nós implantarmos tudo o que anunciamos aqui, hoje – o Fernando Haddad vai explicar muito melhor para vocês – nós certamente passaremos para a história como a geração de políticos que, definitivamente, não apenas disse que a juventude era o futuro da nação, mas que preparou, como legado para a juventude, um sistema de educação que finalmente pode colocar o Brasil em pé de igualdade com qualquer país do mundo, desenvolvido na área de educação.

Que Deus permita que os debates a serem feitos no Congresso Nacional



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República

possam aprimorar as coisas que nós colocamos aqui. Mas, sobretudo, companheiro Fernando Haddad e ministros que assinaram a portaria, vocês já me conhecem e sabem que daqui para a frente estarei no calcanhar de vocês para que cada coisa prometida seja cumprida até o final do nosso governo.

Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL230407.DOC>

Palavras do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos alunos do Liceu "República del Brasil"

Santiago-Chile, 26 de abril de 2007

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,

Minhas queridas alunas e meus queridos alunos,

Meus companheiros integrantes da delegação brasileira e da delegação chilena,

Senhora Miriam Lopes, diretora do Liceu "República del Brasil",

Senhoras e senhores professores, pais e alunos, crianças e adolescentes do Chile,

É com muita alegria que inicio minha visita ao Chile por esta escola. Ver estudantes chilenos que levam a bandeira do Brasil nos seus uniformes nos enche de emoção. Fico reconhecido ao ver que os 450 alunos desta escola crescerão mantendo uma ligação especial com o Brasil. Faço votos de que esse sentimento de amizade os acompanhe por toda a vida.

Esses primeiros anos de educação são fundamentais para a formação das pessoas. Queremos que cada um de vocês cresça com a visão do Brasil como um país amigo, que compartilha com o Chile os valores da democracia, da justiça social, da paz e da educação como instrumento de cidadania.

No Brasil, também, estamos fazendo um esforço para compreender melhor a cultura de nossos vizinhos. Sabemos que a verdadeira integração se faz aproximando o espírito e os corações. Por isso, o ensino do espanhol tornou-se obrigatório em todas as escolas secundárias do Brasil.

Soube que o Liceu "República del Brasil" é uma das muitas escolas chilenas que integram o programa Enlaces, de educação a distância e inclusão digital. Soube, também, que vocês inauguraram uma sala com computadores para servir a cerca de 250 alunos. O Brasil desenvolve uma iniciativa parecida, o Programa Nacional de Informática na Educação.

Desejamos compartilhar com os amigos chilenos nossas experiências nessa área. Esse é, aliás, um dos principais objetivos do Memorando de Entendimento sobre Cooperação Educacional a ser assinado hoje entre nossos dois países.

Temos estreitado nossas relações em todos os campos, do comércio ao diálogo político, da integração física à energia, e não podemos deixar de lado a educação. Queremos uma cooperação cada vez mais abrangente e ambiciosa, que inclua do ensino básico até os níveis superior e técnico.

Temos que estimular o ensino do português nas escolas chilenas, assim como incentivamos o aprendizado do espanhol nos estabelecimentos brasileiros.

Queridos alunos e alunas,

Desejo a vocês um futuro de muito sucesso e espero que o nome desta escola e a bandeira que portam no peito mantenham vocês sempre perto do Brasil. Que inspirem vocês a estudar e conhecer o Brasil, para que nos ajudem, durante seu percurso como estudantes e profissionais, a aprofundar os laços de amizade entre Chile e Brasil.

Querida presidente Michelle,

Queridas crianças e adolescentes chilenos,

Queridos irmãos e irmãs chilenas,

Faz dois dias que lançamos o Programa de Desenvolvimento da Educação no Brasil. Foi um trabalho de vários meses, coordenado pelo meu Ministro da Educação, e esse programa visa a criar as condições para que, definitivamente, as crianças desde os 3, 4 anos de idade até a universidade possam receber uma educação de qualidade e permitir que cada brasileiro, independente da sua origem social, possa ter a oportunidade de chegar a um curso técnico, chegar a uma universidade e se transformar num ser capaz de exportar inteligência para o mundo que precisa de muita inteligência, porque a paz só será construída por seres humanos que tenham muita inteligência.

E o lançamento do Programa no Brasil me fez ter uma conversa com o meu Ministro da Educação, ontem, no avião, e uma conversa com o Marco Aurélio antes de ontem. É que em todo esse discurso de integração que nós fazemos falta uma coisa. Algo não está completo no nosso discurso de

integração. Por exemplo, o intercâmbio dos nossos estudantes. Ele se dá mais entre Chile e Europa e Brasil e Europa do que entre Chile e Brasil e assim também com outros países da América.

Os professores que fazem pós-graduação, tanto do Chile quanto do Brasil, certamente vão muito mais para a Europa do que para o Brasil, o Chile e outros países da América do Sul e da América Latina. Esse é um problema que me fez pensar, com os meus companheiros no Brasil, que nesses próximos anos de mandato, precisamos transformar em realidade o intercâmbio educacional entre os países da América do Sul e da América Latina, mas uma realidade de verdade, em que possamos oferecer bolsas de estudos para estudantes de outros países e também ter bolsas de estudos para nossos jovens em todos os países da América do Sul.

Porque é isso que vai consolidar o processo de integração que certamente, Michelle, a idade não me permitirá ver o que vai acontecer daqui a 30 ou 40 anos no nosso continente. E eu dizia ao meu Ministro da Educação: nós já temos um sonho há algum tempo de construir uma universidade do Mercosul, mas é pouco. É preciso que tenha várias universidades latino-americanas para que os nossos jovens possam transitar pelo continente fazendo um curso superior, estudando artes, estudando música. Isso está faltando entre nós.

Eu penso que numa próxima reunião que fizermos, dos presidentes da América do Sul, esse deve ser um tema a ser abordado e concluído por nós. Ou seja, se nós conseguirmos construir em alguns países algumas universidades latino-americanas, em que jovens pobres de escolas públicas possam ter oportunidades, certamente, Michelle, a geração futura viverá numa América do Sul muito melhor do que a que nós estamos vivendo hoje. E eu não tenho dúvida nenhuma de que, pelo que o povo chileno representa de solidariedade, de amizade com o Brasil, de respeito, e o que o Brasil tem de respeito pelo Chile, certamente vai permitir que nós, antes de terminar o nosso mandato, possamos começar a tornar realidade este sonho, porque, no fundo, no fundo, nós somos o presente, vocês são o futuro e é de vocês que nós precisamos cuidar.

Muito obrigado.

Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos com o governo do Chile

Palácio de la Moneda - Chile, 26 de abril de 2007

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,

Companheiros integrantes da delegação brasileira e da delegação chilena,

Empresários, jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

É uma alegria poder voltar ao Chile, país que sempre acolheu brasileiros com hospitalidade e carinho, especialmente durante a longa noite de autoritarismo que se abateu sobre o Brasil no passado. E é especialmente gratificante encontrar a minha amiga, companheira Michelle Bachelet, cuja trajetória pessoal e liderança política merecem nossa admiração. Partilhamos ideais e nossos governos têm prioridades semelhantes.

Para nós, o crescimento econômico deve ser sustentável e voltado para a inclusão das camadas mais pobres e vulneráveis das nossas sociedades. No marco das transformações por que vem passando o nosso Continente, o Chile é um exemplo de nação que soube aliar a estabilidade política com o crescimento econômico e a justiça social. Por essa razão, somos sócios na construção de uma América do Sul livre e democrática. Nosso diálogo não poderia ser mais franco e produtivo. Temos sabido explorar nossas afinidades e nossa agenda bilateral praticamente não conhece contenciosos. Ao contrário, reforçamos parcerias e identificamos novas possibilidades.

Nos encontros que mantivemos nesta manhã, ficou evidente, uma vez mais, o alto grau de entendimento e cooperação entre nossos países. Nosso comércio bilateral, que eliminou quase todas as barreiras, atravessa excelente fase, tendo atingido o valor recorde de 6,7 bilhões de dólares. Os investimentos brasileiros começam a crescer aqui, juntando-se à já tradicional presença de firmas chilenas no Brasil. O Brasil está financiando obras de infra-estrutura no

Chile, tais como o metrô de Santiago e o novo sistema de transporte urbano da cidade, e vamos continuar financiando obras fundamentais para a integração do Chile na região.

Estão sendo criadas novas parcerias estratégicas. No campo da energia, a Petrobras e a ENAP vão juntar forças para explorar gás em terceiros países. No setor de biocombustíveis, vamos cooperar para dar maior segurança energética aos nossos países, gerando empregos e contribuindo para a proteção do meio ambiente. No âmbito da ciência e da inovação tecnológica, temos a oportunidade para replicar as parcerias exitosas que já existem entre a Embraer e a Enaer na construção de aeronaves.

O Programa de Integração de Cadeias Produtivas, que o acordo prevê, é exemplo do que queremos levar para a América do Sul como um todo. Assinamos acordos em outras áreas prioritárias. Sobre a Previdência Social, trará benefícios diretos para brasileiros que vierem trabalhar no Chile e para os chilenos que forem trabalhar no Brasil. Reforçamos, assim, uma integração que, em última análise, é feita por pessoas. O acordo sobre intercâmbio de informações e experiências em políticas de promoção e proteção dos direitos da mulher é especialmente relevante num momento em que, pela primeira vez, uma mulher conduz os destinos da nação chilena e que, em nossos dois países, cresce a participação feminina na condução de nossos governos.

O memorando de entendimento sobre educação fortalecerá ainda mais os vínculos acadêmicos e o intercâmbio entre instituições, professores e alunos de nossos países. Já a coordenação entre as academias diplomáticas chilena e brasileira só poderá melhorar ainda mais o entrosamento entre nossas políticas externas. Estamos muito avançados na negociação de acordos sobre turismo, e o Brasil vai assinar convênios com a FAO e a Cepal.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje de manhã, a presidente Bachelet e eu conversamos sobre a coordenação mais estreita que o Brasil e o Chile podem e devem desenvolver para impulsionar a integração sul-americana. Chile e Brasil, por seu peso econômico e político, podem ter um papel importante no cenário internacional. Nossa associação, num marco mais geral de um projeto sul-americano, permitirá uma projeção mais forte de nossos valores e interesses neste mundo globalizado e assimétrico em que vivemos.

Avançamos na discussão do Corredor Interoceânico de Integração, que deverá contar com a participação de nossos vizinhos comuns. A ligação entre o Pacífico e o Atlântico é fundamental como via de integração e contato entre nossos países. Representa a oportunidade para promover o comércio entre todas as partes de nosso continente, ajudando assim a integrar e desenvolver regiões e populações marginalizadas de nossos países. Queremos estender nossa parceria para desafios que vão além da região. Juntos impulsionamos, no âmbito da ONU, a iniciativa da ação internacional contra a fome e a pobreza, e o primeiro resultado concreto foi a Central Internacional para Compra de Medicamentos.

No Haiti, estamos trabalhando para um novo modelo de missão de paz, que leva em conta a necessidade de criar opções de desenvolvimento para garantir a paz e a estabilidade no longo prazo. Na OMC, articulamos posições no G-20, grupo que tem sido fundamental para defender a plena liberalização do comércio internacional e o fim dos subsídios agrícolas.

Meu encontro de hoje com a presidente Bachelet reafirmou a nossa história de amizade. Nossa parceria tem os olhos voltados para o futuro e as perspectivas são de um entendimento crescente, sólido e profundo, entre Brasil e Chile.

Minha querida Michelle Bachelet,

Meus companheiros brasileiros e chilenos,

Eu já terminei de ler o que estava escrito, agora vou dizer umas palavras que não estão escritas.

Eu tive a compreensão do povo brasileiro para um segundo mandato na Presidência do meu País. Todo mundo sabe que a integração sul-americana não é para mim um jogo de palavras para ser utilizado em discursos acadêmicos ou em época de campanha. Eu acredito firmemente e nós, países da América do Sul, ainda não descobrimos o potencial que existe entre nós para a integração completa no campo do comércio, da política, da cultura, da ciência e tecnologia, da agricultura, da saúde. Porque, muitas vezes, durante décadas e décadas, todos nós estávamos com os olhos voltados para o chamado continente rico. Olhávamos com muito carinho e com muita ambição para a Europa, olhávamos com muito carinho e com muita ambição para os Estados Unidos, olhávamos com muito carinho para o Japão e para outros

asiáticos mais ricos, e olhávamos com um certo desprezo para nós mesmos. Se nós quiséssemos traduzir esse comportamento, a gente não precisaria ir a nenhuma universidade procurar um livro de um grande intelectual chileno ou brasileiro para compreender. Porque, na vida real de cada um de nós, aqui no Chile, no Brasil, em São Paulo, em Brasília, em Santiago, isso acontece entre as famílias. Normalmente, um parente rico é mais bem recebido que um parente pobre. Uma pessoa que está trabalhando é mais bem recebida que uma pessoa que está desempregada. E nós levamos essa coisa natural da reação humana para a política de Estado, durante muitas e muitas décadas.

Eu me lembro de que um dia alguém me falou que um navegante descobriu uma ilha. Ao descobrir a ilha, desceu, mandou uma carta para o rei que o tinha mandado descobrir essa ilha. E o rei mandou uma carta perguntando para ele: “Tem muita riqueza aí, tem ouro, tem diamante?” E ele disse não. E o rei perguntou: “Por quê?” E ele falou: “Porque ainda não procurei”. A verdade é que nós ainda não procuramos o potencial para consolidar a integração dos países da América do Sul. E ainda não discutimos com seriedade os nichos de oportunidades que existem entre nós, não apenas para fazermos novos negócios, mas, sobretudo, para resolver velhos problemas, como o problema energético no nosso continente. Nós temos todas as condições na América do Sul de resolver o problema da energia elétrica, de resolver o problema da energia nuclear, de resolver os problemas dos biocombustíveis, de resolver o problema do gás e do petróleo, de resolver o problema da energia, da biomassa, da energia eólica, utilizando o potencial e a possibilidade de complementaridade existente entre nós.

A presidente Michelle disse bem. Nós temos momentos em que os lagos das hidrelétricas do Chile estão cheios, vertendo água, e em outros países os lagos estão vazios. Portanto, nós precisamos apenas construir as linhas de transmissão de que precisamos.

Eu disse, em Isla Margarita, há 15 dias, que o potencial de construção de energia hidrelétrica na América do Sul equivale a 1 trilhão e 349 bilhões de litros de barris de petróleo. Se nós transformássemos o megawatt-hora em barris de petróleo, nós teríamos, em energia elétrica produzida por hidrelétrica, o total de todas as reservas mundiais de petróleo existentes no mundo, mais barato, menos poluente e com a certeza de durabilidade de 50 anos, no

mínimo. Entretanto, nós nunca paramos para discutir com seriedade esse potencial e nunca trabalhamos essa história da integração olhando as necessidades da geopolítica, como também, da geoestrada, da geoponte, da geoferrovia, nós não pensamos isso. Muitas vezes, fazemos discursos e não damos o passo seguinte.

Eu disse à presidente Michelle: eu tenho mais quatro anos de mandato e, nestes quatro anos, eu quero fazer tudo aquilo que eu fiquei frustrado de não fazer nos primeiros quatro anos, porque sem integração nós não encontraremos o verdadeiro potencial de desenvolvimento dos países da América do Sul, não encontraremos.

Então, é preciso que pensemos os países que vamos deixar para os nossos filhos daqui a 30 ou 40 anos, para que a gente possa construí-los agora. Os empresários brasileiros e os empresários chilenos precisam se descobrir. Aliás, os empresários chilenos já descobriram o Brasil há mais tempo, já tem 6 bilhões de dólares de investimento chileno no Brasil, e apenas 400 ou 500 milhões de dólares de investimento brasileiro aqui no Chile. Agora, com a parceria da Petrobras, quem sabe a gente possa dar um certo equilíbrio. Mas eu tenho incentivado, presidenta Michelle, que os empresários brasileiros se transformem em empresários multinacionais. É gratificante a gente ver uma empresa brasileira fincar a sua bandeira em um outro país irmão e ajudar o país a se desenvolver. Essa troca de oportunidades é que vai permitir que o Chile atinja todo o seu potencial econômico.

Nós precisamos construir uma integração entre as nossas universidades. Nós temos mais chilenos fazendo pós-graduação na Souborne do que na USP ou na Unicamp, e nós temos mais brasileiros fazendo pós-graduação em Harvard do que na Universidade Federal do Chile. Não que não devam estar lá também, mas é preciso que a gente propicie esse intercâmbio acadêmico entre os dois países, intercâmbio entre estudantes brasileiros e estudantes chilenos.

É importante que a gente pense na criação de uma Universidade da América Latina para ajudar os pobres deste continente a estudar. É importante que a gente crie um Centro de Pensamento Chile-Brasil, para que a gente possa utilizar a nossa inteligência pensando cotidianamente, e não apenas quando temos uma crise. É importante que a gente deixe de ter uma aliança

renovada para ter uma aliança estratégica, definitivamente, entre Chile e Brasil. E é importante que a gente pense em outras coisas que precisamos fazer.

Da minha parte, querida Michelle, meus companheiros do governo chileno, eu quero que vocês saibam que farei mais do que fiz no primeiro mandato para consolidar a integração, porque acredito que nós ainda não utilizamos 10% do potencial que nós temos que explorar nas nossas relações.

Muitas vezes foi embutido na nossa consciência a idéia de que nós éramos pobres, de que nós somos pequenos, de que nós não temos o conhecimento necessário, por isso nós não temos o direito de falar mais alto. Eu aprendi duas coisas, Michelle, na minha vida sindical: primeiro, andar de cabeça erguida não um direito de quem é o maior, é um direito de quem conquistou o direito de andar de cabeça erguida. Segundo, respeito a gente só adquire quando a gente se respeita. Se nós nos respeitarmos, valorizar o que somos, certamente o mundo respeitará. E o exemplo mais vivo disso é que um país pequeno como o Chile tem a respeitabilidade internacional extraordinária.

Um outro exemplo disso é o G-20. Quando nós criamos o G-20, diziam que era uma coisa falida. Hoje, eu duvido que haja uma negociação, no âmbito da OMC, sem levar em conta a existência do G-20, apenas porque nós colocamos para fora a nossa auto-estima, o nosso orgulho de dizer que, na relação comercial, nós queremos ter uma participação e queremos fazer um acordo na Rodada de Doha. E não é uma coisa da Europa ou dos Estados Unidos, é uma coisa nossa, é uma coisa, sobretudo, dos países africanos e dos países mais pobres da América Latina, que serão os grandes beneficiados quando os europeus abrirem o seu mercado agrícola e quando os Estados Unidos deixarem de subsidiar os seus produtos agrícolas.

Nós não queremos muito, nós só queremos igualdade, só queremos ter o direito de dizer: nós existimos e nós queremos competir. Porque, vira-e-mexe, nós ouvimos dizer, lemos e vemos na televisão, que o comércio precisa ser livre, o comércio precisa ser 100% livre, mas eles mesmos não querem abrir. E nós queremos que seja livre, porque queremos provar que temos tanto ou mais competência para produzir produtos de boa qualidade a preços competitivos e conquistar mercados que até então parecem mercados dos deuses, impenetráveis pelos países pobres.

É com essa mensagem, querida Michelle Bachelet, que eu quero

terminar o meu pronunciamento, antes de responder à imprensa, dizendo a você e ao governo chileno: podem estar certos de que vamos fazer, nestes próximos quatro anos, muito mais do que fizemos até agora para estreitar e consolidar a relação Chile e Brasil.

Muito obrigado, querida.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de encerramento do Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina
Santiago-Chile, 26 de abril de 2007

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,
Senhores e senhoras integrantes das delegações do Chile e do Brasil,
Senhor Diretor-Executivo do Centro de Parcerias Público-Privadas,
Senhores empresários e empresárias que participam do Fórum Econômico Mundial sobre América Latina,
Meus amigos e minhas amigas,

É uma satisfação participar da sessão de encerramento do Fórum Econômico Mundial, sobretudo ao lado de minha querida amiga, a presidente Michelle Bachelet.

Em Davos, no começo do ano, eu disse que o Brasil havia feito uma opção pela América do Sul. Uma opção que se estende também para toda a América Latina e Caribe. Estou convencido de que nossa região está cada vez mais preparada para enfrentar os desafios da globalização. Temos consciência de que o destino de nossos países está cada vez mais interligado.

O contexto político brasileiro e sul-americano mudou muito nos últimos anos. Nossos governantes, saídos de eleições democráticas, têm compromissos sociais profundos. Fortalecemos nossas instituições. Estamos buscando dar verdadeira cidadania e participação a toda a população por meio de políticas de distribuição de renda. Consolidamos a estabilidade econômica e financeira e reduzimos a vulnerabilidade externa dos nossos países.

Assentamos, assim, as bases para o processo de crescimento sustentável que já se reflete na diminuição da pobreza e da desigualdade de nossos cidadãos. Maiores investimentos significam mais empregos, aumento da renda, acesso aos serviços básicos e educação universal de qualidade.

Na América do Sul, somos 370 milhões de pessoas determinadas a realizar todas as potencialidades de uma região dotada de imensos recursos naturais e humanos.

O processo de integração regional entrou em nova etapa, com maior ênfase na necessidade de expandir a infra-estrutura e de superar as assimetrias. Fomos muito além

dos meros acordos de preferências comerciais. Seja no Mercosul, seja na União Sul-Americana de Nações, estamos avançando na construção de estradas, gasodutos, pontes e interconexões elétricas. Essas obras têm forte impacto multiplicador sobre toda a economia, com reflexos diretos na melhoria das condições de vida de nossas populações.

A construção de uma América do Sul integrada requer soluções inovadoras e financiamentos. Vamos avançar na harmonização de critérios e normas de financiamento em nossa região. Esse será um passo prévio na direção de um Banco Sul-Americano de Desenvolvimento.

Concentramos esforços numa integração que possa ser sentida no dia-a-dia por nossas populações. A integração ajudará a dinamizar as atividades produtivas, criando um grande mercado regional e facilitando os contatos com mercados extra-regionais.

Estamos tratando, também, de estabelecer as bases para o desenho de políticas energéticas regionais, que são imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável. A América do Sul é uma das poucas regiões do mundo auto-suficientes em energia.

Agora precisamos trabalhar para que toda a nossa capacidade hidrelétrica, as abundantes reservas de petróleo e gás, e o potencial dos biocombustíveis sejam plenamente aproveitados. Além de serem fontes alternativas baratas, renováveis e limpas, o etanol e o biodiesel oferecem resposta eficaz e inovadora a alguns dos principais desafios de nossa época. Geram empregos no campo, agregam valor à produção agrícola, diversificam a pauta exportadora e ajudam a proteger o meio ambiente. Sentam as bases de uma nova geração de produtos industriais: plásticos, fármacos, adubos, alimentos para animais. Cada vez mais, os empresários estão engajando-se na integração produtiva de nossa região, investindo em projetos industriais regionais.

Paralelamente, nossos países expandem suas parcerias com o resto do mundo. Essa é a prova de que o regionalismo pode e deve ser instrumento de uma abertura equilibrada para o mundo, que nos traga objetivos concretos.

Fortalecer nossa região aumenta o interesse de outros parceiros. Somente o aprofundamento da integração permitirá que se concretizem projetos como o dos corredores interoceânicos, ligando, por exemplo, nossa região aos mercados asiáticos.

A América do Sul começa a ser vista como importante interlocutor em temas centrais da agenda internacional. Assim, poderemos melhor defender nossos interesses, em temas que vão desde a Rodada de Doha até a proteção ambiental. Ao mesmo tempo,

estaremos contribuindo para uma ordem internacional mais democrática e equitativa.

Estamos dando exemplo sobre como enfrentar, de maneira inovadora, os desafios da paz e da segurança. Brasil e Chile, juntamente com outros países latino-americanos, estão participando da Missão da ONU no Haiti. Temos insistido na necessidade de que a presença da comunidade internacional não se limite à preocupação com segurança e inclua projetos para o desenvolvimento daqueles países.

Brasil e Chile também estão juntos no desenvolvimento de mecanismos inovadores de financiamento para combater a fome, a pobreza e suas seqüelas. Sem esse tipo de respostas criativas não haverá nem paz, nem segurança duradouras. Nossos esforços são facilitados por uma sintonia de propósitos e de interesses entre os governos e regiões.

Os eleitores sul-americanos foram às urnas com expectativas muito semelhantes. Querem mudanças e estão tendo mudanças. Quero terminar com uma mensagem de otimismo. Creio que a América do Sul reúne, hoje, excelentes condições para enfrentar os desafios globais. Temos uma série de vantagens comparativas e de trunfos. Somos democracias vibrantes, sociedades multiétnicas e multiculturais, que finalmente despertaram para a necessidade de diminuir os desequilíbrios e aumentar a integração.

Esperamos poder contar com a participação de todos os empresários aqui presentes nesse nosso projeto. O projeto de uma América do Sul e de uma América Latina com mais justiça e oportunidades.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu não poderia terminar de falar sem dizer para vocês que é necessário uma reflexão profunda sobre o que está acontecendo na América do Sul, no Chile e no Brasil. Eu penso que acabou o tempo em que as pessoas tinham dúvida se éramos capazes de consolidar o processo democrático nos nossos países. E agora já está garantido que a democracia está consolidada em todos os países da América do Sul e em todos os países da América Central. Mais do que isso, todos os governantes, neste momento, têm consciência de que a estabilidade econômica não é uma exigência do FMI, não é uma exigência do Banco Mundial, muito menos uma exigência do BID. A estabilidade econômica é uma exigência do povo de cada país, porque sem a estabilidade, quem perde é a parte mais pobre da população.

Ao longo desses últimos anos, nós aprendemos que o culpado das mazelas dos nossos países não eram outros senão nós mesmos, a nossa própria classe dirigente que, ao longo de tantas décadas, não levou em conta que era preciso combinar crescimento

do mercado interno com crescimento do mercado externo, que não levou em conta que era preciso crescer a economia controlando a inflação, e não levou em conta que esse crescimento só teria sentido se fosse combinado com uma política de distribuição de renda que garantisse, aos setores mais pobres da população do nosso continente, o acesso aos produtos que nós mesmos fabricamos nos nossos países.

O Chile é um exemplo de como as coisas podem dar certo. O Brasil, nesses últimos quatro anos, e certamente muitos de vocês têm acompanhado, deu um salto de qualidade, não apenas na estabilidade econômica, na credibilidade interna ou externa, mas deu um salto de qualidade ao apontar para a sociedade e para o continente que a integração sul-americana é a possibilidade de que o nosso continente seja, no século XXI, aquilo em que a Europa e os Estados Unidos se transformaram no século XX.

A verdade é que durante décadas e décadas, por que não dizer durante quase um século, nós estivemos de costas para nós mesmos, olhando para outros continentes. E jogamos fora a oportunidade de descobrir similaridades entre nós, a oportunidade de investimento, de nichos de investimento em setores que interessam ao desenvolvimento do continente. Não haverá desenvolvimento se não houver a integração energética, se não houver a integração aérea, se não houver estradas, ferrovias e as pontes necessárias, se não houver uma integração nas telecomunicações, e se não houver um grau de confiança política entre os agentes empresariais, os agentes trabalhadores e os agentes políticos do nosso continente.

O que estamos provando, e o Brasil é testemunha viva disso, é que nesses quatro anos, em função de priorizarmos a nossa relação com a América do Sul, a América do Sul e a América Latina são os principais parceiros comerciais do Brasil. A balança comercial do Brasil com a América Latina é maior do que a balança comercial com a União Européia e é maior do que a balança comercial com os Estados Unidos, que continuam sendo o maior parceiro individual do Brasil.

E isso é importante por quê? É importante para que não fiquemos dependentes apenas de uma região ou de um país. É importante que a gente tenha uma multirrelação que permita que, em função de uma crise num determinado setor, as nossas economias não quebrem como quebraram muitas economias na década de 90.

Em 2004, eu estava com o ex-ministro Furlan na Índia, com o ministro Celso Amorim na Índia, e no dia em que eu estava em Nova Deli, a Índia conseguiu atingir a soma de 100 bilhões de dólares de reservas. E nós discutíamos: será que um dia o Brasil vai conseguir ter 100 bilhões de dólares de reserva? Pois bem, três anos depois e nós

não temos 100, nós temos 120 bilhões de dólares de reserva, numa demonstração de que na medida em que governos locais agem com seriedade, gastam apenas aquilo que é possível gastar e investem o máximo que é possível investir, as coisas tendem a dar certo.

Muitos falam que é por conta da economia mundial. É verdade que a economia mundial está bem, mas se eu não tiver disposição de fazer limpeza na minha casa, a casa do vizinho pode estar limpa, mas a minha vai continuar suja e quebrada.

Cada um de nós aprendeu a fazer aquilo que é necessário ser feito, cada um de nós aprendeu que é importante desenvolver os nossos países. No ano passado, Michelle, no dia 22 de janeiro, nós anunciamos no Brasil o Programa de Aceleração da Economia. São 251 bilhões de dólares de investimentos em infra-estrutura até 2010. Antes de ontem, fizemos o lançamento de um programa que é o mais sério programa para a educação brasileira já feito em toda a história. E o meu Ministro me dava um número extraordinário. A primeira escola técnica no Brasil foi criada em 1909, por um presidente chamado Nilo Peçanha. De 1909 até 2003, o Brasil construiu 140 escolas técnicas profissionais.

Nós, em oito anos, vamos construir mais do que foi construído de 1909 a 2003. Nós vamos chegar a 2010 com 300 escolas técnicas profissionais instaladas em todo o território nacional. Vamos chegar a 300 escolas, saindo de um patamar de 140 escolas. Mais do que isso, criamos um programa para revolucionar a universidade brasileira, colocando os jovens pobres da periferia na universidade.

Os pseudo-especialistas, que nos faziam críticas, diziam que o governo Lula estava nivelando por baixo o ensino superior no Brasil porque estava colocando pobre na universidade. Faz 20 dias, o MEC, nosso Ministério da Educação, fez uma prova. Em 14 matérias analisadas, medicina, engenharia, veterinária, psicologia e tantas outras, os melhores alunos foram exatamente os alunos pobres que colocamos nas universidades brasileiras. E vamos continuar o programa para que a gente consiga criar condições para transformar a América do Sul, o Brasil – certamente o Chile já está mais avançado – em exportadores de conhecimento, em exportadores de inteligência, ao invés de sermos só exportadores de minério de ferro, de cobre ou de produtos *in natura*. Queremos exportar tudo isso, mas queremos exportar também valor agregado e, nesse valor agregado, queremos exportar o conhecimento e a inteligência de um povo criativo, de forma extraordinária, que é o povo latino-americano.

Quero desafiar os empresários aqui. O bom desafio. É importante que vocês

comecem a viajar pela América do Sul, é importante que vocês comecem a procurar oportunidades, é importante que vocês comecem a procurar nichos de oportunidades para os investimentos. E é importante que vocês comecem a acreditar na integração da América do Sul, porque ela veio para ficar. E quem não acreditar vai ficar à margem do processo de desenvolvimento do nosso continente.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à sede da representação da FAO para a América Latina e o Caribe

Santiago-Chile, 26 de abril de 2007

Meu querido companheiro José Graziano, em nome de quem saúdo os demais representantes das agências internacionais aqui presentes,

Minha querida companheira Marisa, companheiros políticos que me acompanham nesta viagem ao Chile,

Meus queridos companheiros,

Amigos e amigas representantes do corpo diplomático,

Meus companheiros da FAO,

Meu querido Celso Amorim, nosso embaixador,

Quero cumprimentar as lideranças brasileiras aqui no Chile, que estão bem representadas neste Plenário,

Gostaria de dizer para vocês que é com enorme prazer que venho ao Escritório Regional da FAO em Santiago. Tenho o prazer e a satisfação de rever um companheiro meu, desde a década de 80, o companheiro Graziano. A minha relação com o Graziano é hereditária, porque eu era muito amigo do pai dele, não fui do avô porque o avô morreu antes de eu nascer. Ele foi o companheiro, que ainda no Instituto Cidadania, coordenou para mim o Programa de Segurança Alimentar, que terminou depois no Programa Fome Zero, mais conhecido hoje como Bolsa Família. Aliás, o Bolsa Família é um guarda-chuva do Programa Fome Zero.

O Memorando de Entendimento que a FAO e o meu governo acabaram de assinar, reforça a nossa parceria com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Vamos aprofundar nossa cooperação técnica na luta contra a fome e a desnutrição.



Vamos, também, fomentar a agricultura familiar e promover o desenvolvimento agropecuário nos países da região. Uma das condições indispensáveis para a construção de um mundo de paz e segurança é o acesso das pessoas ao mais fundamental dos direitos humanos: o direito à alimentação, indissociável do direito à vida. Alimentar-se com regularidade e qualidade é o primeiro direito constitutivo na formação da cidadania e da dignidade humana. A fome é parte de um ciclo vicioso que envolve a pobreza, a marginalização, o desemprego, a falta de educação e a discriminação. Em outras palavras, a fome é, acima de tudo, um problema de exclusão social. Disso sou testemunha, pois vivi na pele essa dura realidade.

Ao concebermos a política social do meu governo, partimos do diagnóstico de que, no Brasil, não existe problema de oferta de alimentos. Tínhamos, sim, falta de renda e as conseqüentes dificuldades de acesso aos alimentos. Sobre essa base, determinei que o direito à alimentação passasse a fazer parte das políticas de Estado para atacar na raiz os problemas sociais que produzem a fome. Por isso, defendemos a reforma agrária, o apoio à agricultura familiar, a concessão de créditos e assistência técnica e a comercialização dos produtos agrícolas.

Um dos programas centrais de nosso governo no combate à fome e à miséria é o programa Bolsa Família. Trata-se do maior programa de distribuição de renda da história do Brasil, que hoje transfere recursos diretamente a mais de 11 milhões de famílias pobres do Brasil. Ao proporcionar boa alimentação e renda mínima a tantos brasileiros, estamos contribuindo para que essas pessoas recuperem sua dignidade, tenham mais saúde e possam aprender melhor nas escolas.

A aprovação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil, em 2006, elevou o acesso à alimentação à condição de política permanente de Estado. Por meio do novo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o poder público e a sociedade civil estão atuando



conjuntamente na implementação de ações destinadas a assegurar o direito da população brasileira a uma alimentação saudável. Destinar recursos para a área social não é gasto, e nós já aprendemos que é investimento.

Um dos nossos principais objetivos é contribuir para que cumpramos com as Metas do Milênio das Nações Unidas, reduzindo pela metade, até 2015, o número de pessoas afetadas pela fome. Considero intolerável que cerca de 850 milhões de pessoas sofram hoje de desnutrição crônica nos quatro cantos do mundo.

A fome, a pobreza e a exclusão são problemas essencialmente políticos e não apenas sociais ou estatísticos. Tenho procurado mobilizar a comunidade internacional para ampliar significativamente os recursos disponíveis para combater esses flagelos, oferecendo oportunidades de desenvolvimento aos países mais pobres.

Convencido disso, tomei a iniciativa de propor, em 2004, nas Nações Unidas, a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. O Chile foi um dos primeiros países a apoiar a iniciativa, ao lado da França e da Espanha. Desde então, já obtivemos importantes resultados.

O tema do financiamento ao desenvolvimento passou a ganhar destaque nas agendas da ONU, do Banco Mundial, do FMI e também nas reuniões do G-8. Em conjunto com o Chile e outros países, temos buscado identificar fontes inovadoras de recursos regulares para os países que deles mais necessitam. O primeiro resultado desse esforço foi o lançamento da Central Internacional para a Compra de Medicamentos contra a Aids, a malária e a tuberculose. É uma iniciativa inovadora que está proporcionando aos países mais pobres acesso direto, a preços reduzidos, aos medicamentos essenciais.

Tenho insistido muito, também, no desenvolvimento dos biocombustíveis como instrumento de geração de renda nos países do Sul. O etanol e o biodiesel, além de fontes energéticas limpas, renováveis e baratas, podem constituir resposta eficaz para o desafio de combater a fome e a pobreza.



Criam novas atividades agrícolas e industriais, diversificam a produção e a exportação, e são atividades com enorme potencial de criação de empregos, sobretudo na pequena agricultura.

Os biocombustíveis não apresentam risco para a segurança alimentar das nações mais pobres, desde que sejam desenvolvidos de forma criteriosa, de acordo com a realidade de cada país. Outra grande vantagem desses combustíveis verdes: podem ser produzidos a partir de uma grande variedade de plantas e de sementes que se adaptam às necessidades de cada região.

Nós, que estamos verdadeiramente preocupados com o problema da fome, temos que lembrar que são os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam a produção dos países pobres, gerando a dependência em importação de alimentos. E essa é uma das razões pelas quais o Brasil mantém-se empenhado numa Rodada Doha que resulte, finalmente, na liberalização do comércio agrícola internacional.

Meu querido companheiro Graziano,

Ao visitar a sede regional da FAO, quero prestar minha homenagem à Organização pelo papel pioneiro que desempenhou e que continua desempenhando em muitos países em desenvolvimento nas áreas de agricultura e alimentação. Seus projetos de assistência técnica são valiosos e merecem ser apoiados.

Graças aos nossos esforços, a luta contra a fome e a pobreza está no centro da agenda internacional contemporânea. Mas assegurar a centenas de milhões de seres humanos condições mínimas de acesso à alimentação digna e saudável continua sendo um dos grandes desafios de nosso tempo.

Espero que os países desenvolvidos tenham lucidez estratégica para perceber que o comprometimento com a eliminação da pobreza e da fome, mais do que justo, é absolutamente necessário. Sem isso, a paz e a segurança no mundo jamais serão possíveis.

De minha parte, continuarei engajado na luta contra a fome e a pobreza.



Essa luta, para mim, representa não somente um compromisso político, mas, sobretudo, um projeto de vida.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu penso que não poderia deixar de falar um pouco mais para vocês. O século XXI é o século que colocou e está colocando a América do Sul e a América Latina no centro mundial dos debates. Nós, hoje, não somos mais vistos como países periféricos, sem importância, que só eram chamados para discutir ajuda de combate ao narcotráfico, ao crime organizado, ou só éramos lembrados pelas nossas festas folclóricas.

Hoje, a América do Sul e a América Latina começam a ser lembradas pelos outros países não como coadjuvantes, mas como protagonistas da história do século XXI. Eu penso que todos nós, que moramos na América do Sul, temos um pouco de responsabilidade pelo que está acontecendo no mundo. Eu me lembro de que, na primeira viagem que fiz a Davos, em 25 de janeiro de 2003 – eu tinha acabado de sair do Fórum Social Mundial em Porto Alegre – eu dizia para o meu ministro Celso Amorim que era possível a gente mudar um pouco a geografia comercial do mundo, que era possível a gente criar novos instrumentos, novos mecanismos, e passar a ser percebido pelas nações ricas como agentes políticos transformadores, e não como agentes políticos de segunda classe.

Daí surgiu o G-20. Vocês estão lembrados das críticas que nós recebemos quando criamos o G-20 em Cancun. No meu país, os conservadores diziam: “Mais um fracasso da política externa do governo Lula”. Possivelmente também, aqui no Chile e em outros países da América do Sul, não faltaram aqueles que criticaram o fracasso. Entretanto, como todos nós aprendemos um pouco com a experiência chinesa, a paciência é a grande arma do sucesso que a gente tem.

Passados três anos, eu duvido que hoje haja um grande acordo internacional sem levar em conta a existência de um grupo chamado G-20,



porque nesse grupo não estão apenas Chile, Brasil, Argentina e outros países da América do Sul. No G-20, está a China, está a Índia, está a África do Sul e estão muitos outros países africanos, que representam quase dois terços da humanidade e, portanto, ninguém consegue fazer política sem levar em conta a nossa existência.

Qual foi a mudança que existiu? A mudança que existiu é que nós descobrimos que é importante nos respeitarmos, que é importante gostarmos de nós mesmos, que é importante nos levar a sério e não entrar na reunião como se fôssemos apenas representantes de países subdesenvolvidos, sem força, e que tinham que esperar, primeiro os Estados Unidos falarem, depois a União Européia falar, para depois a gente dizer “posso falar?”. E ainda pedíamos licença para falar. O que nós queremos não é desrespeitar ninguém, é apenas dizer que existimos, que queremos discutir em igualdade de condições, e que não queremos que eles venham com discurso para nós de que são favoráveis ao livre comércio, mas na hora de permitir que os produtos dos países da América do Sul e da África adentrem o seu mercado, o livre comércio não existe, porque colocam barreiras e colocam subsídios para dificultar uma competitividade verdadeiramente de livre comércio.

É por isso que nós estamos empenhados em garantir que haja o apoio da Rodada de Doha e, sem isso, os líderes políticos desse momento passarão para a história como líderes (Inaudível), porque não pode ter gesto maior para a humanidade do que a gente apontar no Acordo de Doha a possibilidade dos mais pobres poderem vender um pouco dos seus produtos aos países mais ricos. Não existe nada mais nobre do que os mais ricos dizerem que vão diminuir o subsídio para que o pobre possa se tornar mais competitivo. Sem isso não haverá paz, não combateremos o terrorismo e não saberemos o que vai acontecer no continente africano, quando daqui a 20 ou 30 anos tiver, naquele continente, 1 bilhão e 300 milhões de habitantes sem perspectiva de futuro, sem perspectiva de trabalho.



Foi baseado nessas idéias, companheiros, que nós começamos a pensar na política de biodiesel. Foi pensando exatamente nos países mais pobres que nós começamos a pensar na política do biodiesel. O biodiesel foi pensado no Brasil, a primeira vez, em 1921. Não sei quando foi pensado em outros países. Não, o álcool foi em 1921 e o biodiesel foi pensado em 1943. Entretanto, o álcool, em 1975, teve um deslanche enorme com a criação do Proálcool, e nós então passamos a fazer do álcool uma indústria energética importante no Brasil. Na década de 90, nós tínhamos praticamente 80% dos carros a álcool; no ano 2000, a gente não tinha mais nenhum carro a álcool; e agora, por conta da política do flex-fuel, o Brasil já tem 85% dos carros vendidos no mercado interno, flex-fuel. Pode colocar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% de cada um, 1% de um e 99% do outro, ou seja, pode-se fazer a mistura que quiser que isso já está garantido com tecnologia e garantia técnica para funcionar.

A segunda coisa que nós imaginamos foi o seguinte: o mundo precisa, ao mesmo tempo, ser despoluído, o mundo precisa gerar empregos e, ao mesmo tempo, o petróleo estava ficando cada vez mais caro. O que fazer então? No Brasil, desde 1975, o professor Exedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, tinha patenteado o biodiesel. Entretanto, o biodiesel era utilizado no Brasil para debates acadêmicos. Eu mesmo, viajando pelo Brasil, fui a vários lugares ver pequenas usinas de biodiesel. Era um debate universitário ou um debate de sonhadores.

No final de 2003 ou no começo de 2004, se não me falha a memória, nós resolvemos criar uma política de biodiesel para o Brasil, ou seja, transformar o biodiesel numa matriz energética para o nosso País, e começamos a pensar para as regiões mais pobres do Brasil. Quem conhece o Brasil, a região do semi-árido, a região onde não se planta muita coisa e, também, pensando na América Central, pensando na África – e é importante lembrar que o primeiro presidente de fora com quem conversei sobre o



biodiesel foi exatamente o presidente Chávez, que... como é o nome da mamona em espanhol? Eu sei que nem o Chávez sabia quando eu falava mamona, nem eu sabia quando ele falava o nome no país dele. O dado concreto é que nós queríamos produzir biocombustível.

Bem, mandamos um projeto de lei, aprovamos no Congresso Nacional, e, este ano, nós vamos terminar o ano produzindo 840 milhões de litros, que é a quantidade necessária para que a gente possa introduzir 2% de biodiesel no óleo diesel. E podemos antecipar, Graziano, de 2013, para quando estavam previstos os 5%, para 2010, com muita tranquilidade. É só fazermos os investimentos necessários na ampliação da produção. Alguns projetos que eu visitei, para cada trabalhador de uma usina de biodiesel, eles precisaram de mil trabalhadores no campo. Para cada um na usina de transesterificação – você traduz o que é transesterificação – nós precisaríamos de mil no campo.

Pois bem, nós começamos a discutir a possibilidade, e eu sonho que talvez o biodiesel seja a chance que a maioria dos países africanos tem neste século XXI. Talvez seja a grande possibilidade para alguns países da América Central, sobretudo para aqueles com quem os Estados Unidos têm acordo de livre comércio, não cobra nenhum imposto, ou seja, poder comprar o etanol de muitos países que até então vendiam coisas quase que insignificantes para os Estados Unidos. E também porque a América Latina e o mundo atravessam um problema de energia, hoje, há uma escassez. Há uma escassez energética em muitos lugares, e a depender do crescimento econômico dos países, nós vamos começar a ter problemas: ter problemas no gás, ter problemas no petróleo, ter problemas no carvão, até porque acho que ninguém vai (falha na gravação)

...ao mesmo tempo, a energia mais poluidora hoje em dia. E eu estava lembrando uma coisa para dizer a vocês: quando a nossa querida Petrobras vai comprar uma grande plataforma – uma grande plataforma chega a custar 2 bilhões de dólares – ela gera 6 mil empregos diretos e mais alguns indiretos.



Mas quando ela está funcionando, ela gera, durante o ano, o equivalente a 600 empregos. Com 2 bilhões de dólares, com o biodiesel, iríamos gerar meio milhão de empregos, 500 mil empregos para a agricultura familiar em qualquer país do mundo.

Ademais, eu fico imaginando a Pedvesa, a Petrobras e tantas outras empresas que cada vez mais têm que cavar buraco mais fundo, para achar petróleo. Eu estou dizendo isso, porque eu quero que a Petrobras faça mais prospecção de petróleo, porque eu quero que ela, cada vez mais, tenha petróleo. O que eu não quero é essa loucura que, de vez em quando, a gente inventa, de uma coisa anular a outra. O que eu quero, na verdade, é ter uma combinação, que os países que tiverem que utilizar petróleo continuem utilizando, porque já é uma matriz consolidada, mas os países que puderem produzir biodiesel, comecem a produzir biodiesel.

Pois bem, aí começa o preço da energia. Vocês, chilenos, acompanham todo dia a briga do gás: vai acabar o gás, não vai acabar o gás, tem gás de sobra, não tem, como é que vai ser o gás da Bolívia, como é que vai ser o gás da Nigéria, como é que vai ser o gás da Argélia, como é que vai ser o gás do Nepal, ou seja, está todo mundo atrás de gás. Entretanto, nós só podemos oferecer para o nosso povo aquilo que nós temos, aquilo que nós não temos, nós não temos como oferecer.

O importante é que o biodiesel, todo mundo pode oferecer. Imaginem vocês, e a experiência no Brasil, eu acho que a FAO deveria – vou mandar uma carta para o Diogo – montar uma equipe de técnicos para ir nos visitar, porque a FAO vai ser muito exigida nesse debate. Você deve fazer um poço, com dois mil metros de lâmina d'água, depois mais 3 mil metros no fundo do mar, chega a quase pegar o japonezinho lá, você quase atravessa o Planeta. Mas você cava com a mão um buraco de 30 centímetros, planta um pé de mamona, planta um pé de soja, planta um pé de pinhão manso, planta um pé de dendê, planta um pé de girassol, planta um pé de algodão e, depois de 4



meses, 18 meses, 24 meses, você está colhendo o óleo que você tanto precisa para poder tocar as suas termelétricas.

Aí aparecerão os economistas dizendo: “É mais caro”. É verdade que é mais caro. Mas é mais caro se a gente for olhar apenas o receptor final, que é a empresa do óleo. Mas vamos olhar, na intermediação disso, quantos empregos a gente gera no biodiesel. A gente vai fazer bem, se a gente pegar a quantidade de salário que a gente paga e a quantidade de impostos que os assalariados pagam para o Estado, e a gente vai chegar à conclusão de que fica até mais barato.

Então eu penso, companheiros, que nós estamos vivendo um momento promissor para o nosso continente. Primeiro, porque nós nos descobrimos. Hoje, na América do Sul, chileno não tem mais medo de brasileiro, que não tem mais medo de argentino, que não tem mais medo de uruguaio, que não tem mais medo de paraguaio, que não tem mais medo da Bolívia, que não tem mais medo do Equador, que não tem mais medo da Colômbia, que não tem mais medo do Peru e que não tem mais medo da América Central. Nós estamos percebendo que estamos no mesmo barco, estamos percebendo que tem política de complementaridade que, se nós fizermos juntos, todos nós ganharemos.

Agora, eu fui a Isla Margarita fazer um debate, a convite do presidente Chávez, com todos os presidentes da América do Sul. E estava dizendo para vocês o seguinte: nós andamos tanto tempo de costas para nós mesmos que nós sequer levamos em conta o potencial energético em hidrelétricas que nós temos no continente. Pasmem, o presidente Chávez mostrou o número da Opep. Hoje nós temos 1 trilhão – como é que se traduz 1 trilhão em espanhol? – 1 trilhão, 450 bilhões de barris de petróleo no mundo inteiro, essa é a reserva, fora o gás. Só na América do Sul, se a gente transformasse a energia elétrica em barris de petróleo, o potencial de construção de hidrelétrica do nosso continente daria, simplesmente, 1 trilhão, 349 bilhões de barris de



petróleo. Uma energia limpa, renovável e de longa duração.

Mas nós nunca paramos para discutir isso, nós sempre achamos que não íamos precisar fazer essa discussão. E, agora, as trilhas que se apresentam, vão obrigar a América do Sul a entender que o Brasil não pode brigar com a Argentina, e que a Argentina não pode brigar com o Chile, e que o Chile não pode brigar com o Equador, que não pode brigar com o Paraguai. Nós não podemos ficar remoendo os problemas do século XVIII ou XIX, nós temos que pensar é nas soluções do século XXI para que a gente possa garantir às nossas crianças um mundo melhor do que aquele que nós recebemos dos nossos pais.

Além disso, companheiros, vamos ver um preço, aqui, para deixar vocês pensando seriamente. O megawatt-hora de energia produzida em hidrelétrica custa 40 dólares, é o mais barato. O megawatt produzido numa termelétrica de carvão custa 48 dólares. Se esses números não estiverem verdadeiros, Silas... O gás natural, o megawatt-hora custa 54 dólares. O megawatt da nuclear custa 140 dólares. O megawatt-hora do óleo combustível custa 230 dólares e do óleo diesel custa 310 dólares. E aqui não está a eólica, que custa 179 dólares o megawatt-hora, e não está a questão da biomassa, que custa um pouco mais do que o gás natural.

Então, vocês estão percebendo que o desafio que está colocado para nós é infinitamente maior que os desafios que a gente discutia até ontem nos nossos discursos ideológicos: quem era mais à esquerda, mais à direita, quem era socialista e quem não era. Agora, nós temos que pensar na sobrevivência do nosso continente e dos nossos países, e quais as alternativas que temos. Nós vamos ter que juntar a nossa inteligência. E a nossa inteligência não se junta porque nós, embora saibamos da necessidade, não temos, por exemplo, nenhum fórum de debate da América Latina no Brasil, nós temos na Europa. Mas aqui poderia ter um centro que pudesse juntar chilenos e brasileiros ou juntar toda a América do Sul para que os nossos intelectuais pudessem



transitar, criar uma entidade em cada universidade federal dos nossos países, criar um intercâmbio intelectual mais ousado, mais rigoroso. Essa coisa é que está faltando entre nós.

Então, eu penso que o desafio que está entre nós, agora, o grande desafio, que não é para a Michelle e não é para o Lula, porque nós somos passageiros – a sociedade é que é infinita –, é a gente começar a criar os instrumentos capazes de garantir a produção de políticas alternativas que interessem a todos nós, ou seja, um centro de estudos da América Latina. Por onde transitam os nossos intelectuais que não debatem entre nós mesmos? Muitas vezes nós nos encontramos na França, no Centro de Estudos Latino-Americanos em Paris – eu já encontrei tantos latino-americanos –, mas a gente não tem aqui em Santiago ou no Brasil um centro de estudos latino-americanos. É preciso criar essas coisas agora. Esse é o desafio que está colocado para Michelle, para o Chávez, para o Kirchner, para mim, para o Rafael, ou seja, fazer no século XXI o que não fizemos no século XX, para que a gente possa apresentar as saídas que nós, até então, não sabemos quais são e que vocês podem saber.

Por isso, meus amigos e minhas amigas, desculpem a eloquência, porque esse negócio de biodiesel, para mim, virou uma paixão nacional e mundial, e eu quero debater, porque, obviamente, se tiver conflito com alimento, eu prefiro comer, porque essa é a melhor energia. Mas eu acho que há espaço para os dois ou até para os três, e aí a FAO joga um papel importante.

Obrigado. Fiquem com Deus.